

**CLÉIA RENÍ FORTES JAGMIN**

**HISTÓRIA DE FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DOCENTE:  
UM ESTUDO SOBRE DIMENSÕES  
DA (IN) SATISFAÇÃO JUNTO A UM GRUPO DE PROFESSORES,  
EM UMA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL DE PORTO ALEGRE**

Dissertação apresentada como requisito parcial  
para obtenção do Grau de Mestre em Educação  
pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de  
Educação da Pontifícia Universidade Católica do  
Rio Grande do Sul.

Orientadora: Dr.<sup>a</sup> Maria Helena Menna Barreto  
Abrahão

**PORTO ALEGRE**

**2011**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**CLÉIA RENÍ FORTES JAGMIN**

**HISTÓRIA DE FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DOCENTE:  
UM ESTUDO SOBRE DIMENSÕES DA (IN) SATISFAÇÃO  
JUNTO A UM GRUPO DE PROFESSORES,  
EM UMA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL DE PORTO ALEGRE**

**Porto Alegre  
2011**

**CLÉIA RENÍ FORTES JAGMIN**

**HISTÓRIA DE FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DOCENTE:  
UM ESTUDO SOBRE DIMENSÕES  
DA (IN) SATISFAÇÃO JUNTO A UM GRUPO DE PROFESSORES,  
EM UMA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL DE PORTO ALEGRE**

**BANCA EXAMINADORA:**

-----  
Professora Dr.<sup>a</sup> Maria Helena Menna Barreto Abrahão. PUCRS  
Orientadora

-----  
Professora Dr.<sup>a</sup> Bettina Steren dos Santos. PUCRS

-----  
Dr.<sup>a</sup> Rita Tatiana Cardoso Erbs

**PORTO ALEGRE**

**2011**

## AGRADECIMENTOS

Muitas são as pessoas a quem eu gostaria de agradecer no momento em que estou encerrando uma etapa a mais de minha formação.

Sei que é impossível citar a todas e, certamente, minha memória não dará conta de tantos nomes de pessoas muito especiais com quem eu convivi e que fizeram parte importante de minha vida.

Vou me ater a algumas, cujo meu envolvimento pessoal é mais recente, começando por minha Orientadora na pesquisa, Professora Dr<sup>a</sup>. Maria Helena Menna Barreto Abrahão, por toda a dedicação que me dispensou durante os dois anos de trabalho em que me acompanhou, mostrou o valor das histórias de vida, me fazendo crescer pessoal e profissionalmente, além de ter me ajudado a descobrir a pesquisadora que se ocultava dentro de mim.

Agradeço, também, aos demais professores do Mestrado, com os quais eu convivi, por todo o trabalho amoroso e comprometido que desenvolvem. Aos funcionários, sempre tão atenciosos e eficientes, a todos os colegas, me permitindo destacar a Maria Elisabete Machado, por sua disponibilidade e afeto com relação aos colegas e a Denise Dalpiaz Antunes, que mesmo antes de eu estar na PUC, esteve na escola onde trabalho, levando o tema motivação, aos professores, indicada pela professora Bettina, que, mesmo em seu Pós Doutorado, fora do Brasil, respondeu a um e-mail meu e a indicou.

Às Dras. Rita e Bettina, por aceitarem participar da Banca de Avaliação. Com ambas pude conviver e aprender muito, além de sentir o respeito e a atenção que a mim dispensaram, confiando em minhas potencialidades como mestranda e uma pós-graduanda que estava retornando às classes da sala de aula após um longo período fora da Academia, cheia de dúvidas e incertezas.

Não posso deixar de agradecer a todos os alunos e professores com quem eu convivi ao longo de minha vida de estudante, professora e orientadora, até o presente momento, principalmente aos docentes, sujeitos da presente pesquisa, à direção e colegas da Coordenação Pedagógica e dos professores e alunos da escola onde ela ocorreu.

Agradeço, também, a minha família, pelo amor que me dedicam e pelo incentivo para que eu vencesse o novo desafio que comecei a enfrentar há dois anos.

Finalmente agradeço a Deus por me permitir ter vivenciado tantas experiências maravilhosas, enquanto pessoa e profissional e ter me dado condições de concluir a presente etapa de minha história de vida.

[...] “NO NOVO TEMPO  
APESAR DOS CASTIGOS  
DE TODA A FADIGA, DE TODA A INJUSTIÇA  
ESTAMOS NA BRIGA  
PRA NOS SOCORRER.

NO NOVO TEMPO, APESAR DOS PERIGOS  
DE TODOS OS PECADOS  
DE TODOS OS ENGANOS

ESTAMOS MARCADOS  
PRA SOBREVIVER.” [...]

NOVO TEMPO - Ivan Lins

## **LISTA DE SIGLAS:**

**IDEB** – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica.

**CAE** – Centro de Atenção ao Educando, da Secretaria de Educação do Estado.

**CT** – Conselho Tutelar.

**SMED** – Secretaria Municipal de Educação.

**SE** – Secretaria de Educação, do Estado do Rio Grande do Sul

**EJA** – Educação de Jovens e Adultos.

**SSE** – Serviço de Supervisão Escolar.

**SOE** – Serviço de Orientação Educacional.

**IES** – Instituições de Ensino Superior.

**CE** – Classe Especial

**TGD** – Transtorno Global de Desenvolvimento

**NASCA** – Núcleo de Apoio à Saúde da Criança e do Adolescente/ Secretaria Municipal da Saúde

**CR** – Círculo Restaurativo

**JR** – Justiça Restaurativa

**SAEB** – Sistema de Avaliação da Educação Básica, utilizado no Brasil.

## RESUMO

O presente estudo, uma pesquisa de cunho qualitativo, busca conhecer diferentes dimensões de satisfação ou de insatisfação docente, expressas por professores de uma escola de Ensino Fundamental da cidade de Porto Alegre. Para tal foram selecionados cinco professores e, através de diferenciados instrumentos e de observações, com eles utilizados, foi possível elencar diferentes dimensões e buscar, no entrelaçamento de olhares de alguns teóricos, uma aproximação com a realidade vivida por docentes de diversos espaços no cotidiano educacional brasileiro, haja vista que tais dimensões são identificadas, junto a outros professores, através de seus relatos, suas histórias de vida, na crise educacional que estamos vivendo. A desvalorização da profissão docente, que reflete a desvalorização da educação, tem sido presença constante, tanto no meio educacional, quanto junto à sociedade, em geral. O apoio teórico é dado através de Arroyo, Tardif, Lessard, Josso, Nóvoa, Mosquera, Stobäus, Santos e outros, tendo como linha condutora os estudos referentes às histórias e narrativas de vida e formação, propostos por Abrahão. O estudo traz a ideia da urgente necessidade de vinculação entre a prática e a teoria e da promoção de espaços amplos de formação, visando a adequação do fazer docente aos novos tempos que professores e alunos vivenciam na sociedade hodierna.

**Palavras-chave:** Docente. Dimensão de Satisfação. Dimensão de Insatisfação. Histórias de Vida. Desvalorização Profissional. Vinculação entre Prática e Teoria.



## **ABSTRACT**

This study, a qualitative research project, seeks to discover different dimensions of teaching satisfaction or dissatisfaction expressed by teachers in an elementary school in the city of Porto Alegre. To this end, five teachers were selected and through different instruments and observations used by them, it was possible to list the different dimensions and look for, the intertwining views of some theorists, an approximation of the reality experienced by teachers in different educational settings in everyday Brazilian life. Considering that such dimensions are identified, along with other teachers, through their accounts, their life stories, in the educational crisis we are living. The devaluation of the teaching profession, which reflects the devaluation of education, has been a constant presence, both in the educational environment and in society in general. Theoretical support is given by Arroyo, Tardif, Lessard, Josso, New Mosquera, Stobäus, Santos and others, having as a guiding principle the studies on the stories and narratives of life and training, proposed by Abrahão. The study introduces the idea of an urgent need to link the theory and practice, and the promotion of wide space for training, having in view an adequate education to the new moment lived by teachers and students nowadays.

**Keywords:** Teaching. Dimensions of Satisfaction. Dimensions of Dissatisfaction. Life Stories. Professional Devaluation. Linking Theory and Practice.

## SUMÁRIO

1 VIDA DE DOCENTE: Uma trajetória em construção.....	12
1.1 DELIMITANDO O OLHAR .....	12
1.2 UM ESPAÇO PARAPESQUISAR.....	13
1.3 DOS LUGARES DE ONDE OLHO A EDUCAÇÃO.....	15
2 DELIMITANDO A PESQUISA: buscando as indagações que me mobilizam.....	22
2.1 OBJETIVO GERAL.....	22
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	22
2.3 EXPLICITANDO CONCEITOS.....	23
2.3.1 DOCENTE/DOCÊNCIA.....	23
2.3.2 SATISFAÇÃO/INSATISFAÇÃO.....	24
3. PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS METODOLÓGICOS.....	25
3.1 PROCEDIMENTOS.....	25
3.2 INSTRUMENTOS.....	26
4. OLHANDO A ESCOLA: Espaço de pesquisa.....	28
4.1 CAMPO DE ATUAÇÃO DOS PROFESSORES.....	29
4.2 QUEM SÃO OS PROFESSORES PESQUISADOS?.....	30
5. CENAS QUE ILUSTRAM O COTIDIANO DA ESCOLA.....	32
5.1 CENA UM: HAVERÁ CULPADOS?.....	32
5.2 CENA DOIS: UMA ESTRANHA NO GRUPO.....	33
6. IDENTIFICANDO DIMENSÕES NAS ENTREVISTAS.....	35
6.1 INSATISFAÇÃO.....	35
6.1.1 MUDANÇAS QUE OS PROFESSORES ESPERAM QUE OCORRAM.....	37
6.2 SATISFAÇÃO.....	37
7. CONTEXTUALIZANDO AS DIMENSÕES.....	38
7.1 DIMENSÕES QUE REFLETEM INSATISFAÇÃO DOCENTE.....	39
7.2 DIMENSÕES QUE REFLETEM SATISFAÇÃO DOCENTE.....	40
7.3 UM MEMORIAL DE FORMAÇÃO.....	42
7.4 E OS DEMAIS PROFESSORES?.....	43
8. ENTRELAÇANDO OLHARES: Docentes, pesquisadora e teóricos.....	44
8.1 ATUAÇÃO DOCENTE.....	44
8.2 UM NOVO TEMPO.....	48
9. ENTRELAÇANDO DIMENSÕES.....	57
9.1 SATISFAÇÃO X INSATISFAÇÃO.....	58

9.2 SENTIMENTOS EMERGENTES.....	60
10. SINAIS DO NOVO TEMPO: Observações para além das narrativas.....	63
10.1 CENAS DE UM NOVO TEMPO: “PROJETO EU CANTO” .....	65
11. CONCLUÍNDO, COM GOSTINHO DE “QUERO MAIS” .....	66
REFERÊNCIAS.....	70
ANEXO.....	72
LETRA DA MÚSICA: NOVO TEMPO/IVAN LINS.....	72
APÊNDICES:.....	73
<b>A-ROTEIRO DA ENTREVISTA.....</b>	<b>73</b>
<b>B-TERMOS DE CONSENTIMENTOS INFORMADOS:.....</b>	<b>74</b>
B.1 DOS PROFESSORES, PARA PARTICIPAREM DA PESQUISA.....	74
B.2 DA PROFESSORA AUDREY, PARA COORDENAR O GRUPO DE CANTO.....	75
B.3 DA DIREÇÃO, PERMITINDO A PESQUISA NA ESCOLA.....	76
B.4 DOS PROFESSORES, USO DA IMAGEM PARA DA PEÇA TEATRAL.....	77
B.5 DOS PAIS PERMITINDO A GRAVAÇÃO DE VÍDEO, COM OS ALUNOS CANTANDO.....	78
<b>C. FOTOS.....</b>	<b>79</b>
FOTO 1 PROFESSORES, PREPARANDO A DRAMATIZAÇÃO.....	79
FOTO 2 ALUNOS DO PROJETO “EU CANTO” .....	80

## **1. VIDAS DE DOCENTES: uma trajetória em construção**

### 1.1. DELIMITANDO O OLHAR

O tema da pesquisa: (in) satisfação docente originou-se de minhas vivências, como aluna e como professora. A presença, gravada na memória, de professores que me ajudaram a me constituir educadora, ao longo de minha vida, retomados em momentos de auto-reflexão, reforçaram, para mim, a importância dos modelos. Na construção da minha identidade, pessoal e profissional, pude conviver com diferentes professores e chego a identificar o que alguns me legaram, como a responsabilidade com relação às tarefas escolares, respeito a normas, gosto pela leitura, o prazer de ensinar e de aprender, o convívio harmonioso com colegas, a crença na minha competência, o amor à Pátria e muito mais.

Acredito que, na maior parte de minha vida profissional, a satisfação predominou sobre a insatisfação. Minhas referências positivas de educadores foram suficientemente fortes para a tranquilidade de escolher meu ofício.

Como referem Abrahão e Frison:

Também em relação à formação da identidade profissional, pela leitura das trajetórias de vida pessoal/profissional das pessoas envolvidas, podem-se apreender motivos, angústias, desejo, intenções, busca e confirmação de “modelos” profissionais que contribuem para a construção identitária do “ser professor”, relacionando-os com diferentes momentos vividos. (2010, p.193).

Foi igualmente determinante para a escolha do tema (in) satisfação docente, o meu olhar para a prática dos profissionais da educação. No decorrer de minha vida, pude vivenciar o fazer pedagógico de diferentes lugares, pois minha trajetória me possibilitou exercer funções diversas dentro do magistério.

## 1.2 UM ESPAÇO PARA PESQUISAR

No final do ano de 2009, durante os Conselhos de Classes, era possível observar a agitação dos professores. Muitos alunos não estavam sendo aprovados. A escola estava classificada, há dois anos, entre as de Ideb baixo, já estava ofertando atividades no contra turno, através do Projeto Mais Educação (voltado para atender alunos de escola com desempenho baixo), porém os resultados estavam aquém, tanto para os profissionais quanto para os alunos. Os professores, alunos e pais não estavam felizes.

Cabe esclarecer que Ideb é o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, utilizado no Brasil, desde 2007, para medir a qualidade de cada escola e rede de ensino. Cada escola é responsável por seus índices. Eles refletem o trabalho desenvolvido.

A escola pesquisada apresentava indicador 3,9 no IDEB, o índice do Estado era 4,5 obtido através do SAEB, para as séries iniciais; 2,9 para a escola e 3,7 para o Estado, considerando-se as séries finais do Ensino Fundamental, segundo as mesmas fontes, tendo como ano base 2007.

Os quadros que seguem, demonstram os resultados do rendimento, reproduzindo com fidelidade um recorte dos dados específicos da escola, apresentados num Quadro Demonstrativo<sup>1</sup> mais amplo, enviado pelo MEC, a cada uma das escolas brasileiras, com os resultados específicos de cada uma delas:

<b>ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL</b>	<b>ANO BASE/2007</b>
--	----------------------

BRASIL	UF/RS	MUNICÍPIO/PA	ESCOLA
4,0	4,5	4,1	3,9

<sup>1</sup> - De acordo com dados do Gráfico Demonstrativo-Rendimento Escolar 2007, do Ministério de Educação.

ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL			ANO BASE/2007
BRASIL	UF/RS	MUNICÍPIO/PA	ESCOLA
3,5	3,7	3,4	2,9

Os índices registrados na escola pesquisada foram obtidos através do IDEB, os referentes ao Brasil e a UF/RS foram obtidos através do SAEB, foram avaliados Língua Portuguesa e Matemática.

Os resultados, abaixo do esperado, mostravam que algo precisava ser feito para que a escola viesse a melhorar seus índices. O grupo de professores eram as pessoas capazes de efetivar uma mudança. Era necessário um trabalho integrando os professores, direção, coordenação pedagógica, num primeiro momento, para analisar o que estava acontecendo e como podíamos promover uma mudança de qualidade.

Senti que se oferecia a oportunidade de buscar um maior conhecimento sobre a realidade que a agitação do final do ano manifestava e penetrar mais profundamente nos seus motivos. O que estava externando o grupo de professores da escola? Por que o final do ano letivo mostrava que os resultados não tinham sido satisfatórios e o que circulava entre o grupo que poderia vir a favorecer um crescimento pessoal e profissional para todos os docentes envolvidos, se analisado?

Começou, então, a se delinear o tema da minha pesquisa: HISTÓRIA DE FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DOCENTE: um estudo sobre dimensões da (in) satisfação junto a um grupo de professores, de uma escola de Ensino Fundamental, em Porto Alegre.

Eu acreditava que podia fazer algo para tornar mais satisfatório o trabalho dos professores da escola. Como integrante da Equipe Pedagógica, costumava oportunizar espaços de discussões sobre a vida escolar, junto ao grupo de professores, alunos e pais. Ainda não estava no Mestrado, mas me preocupava a realidade daquele espaço de educação.

No início de 2010, já como aluna de Pós-Graduação, me senti mais respaldada para desenvolver um trabalho, agora podendo aliar a prática com a teoria.

As leituras, muitas voltadas a histórias de vida, me instigaram a uma releitura de minha própria história.

Antes de apresentar os sujeitos da pesquisa, acredito ser importante uma incursão na minha atuação docente, no sentido de encontrar os motivos mais profundos do meu interesse pelo tema.

### 1.3 DOS LUGARES DE ONDE OLHO A EDUCAÇÃO

Comecei trabalhando com séries iniciais, mais especificamente com a alfabetização, na qual, para mim, é extremamente gratificante atuar. Ali pude ver a concretização de meu trabalho, de um modo mais imediato. A cada dia da caminhada, novas descobertas iam surgindo nos grupos de alfabetizados e, quando nos dávamos conta (alunos e eu), outros leitores estavam prontos para seguir no mundo dos letrados. Então, eram capazes de ler sobre o outro, escrever sobre si e sobre o outro e de direcionar seu olhar para o mundo. Nenhum deles seria mais isolado, mas parte de um todo que pode ser lido, escrito, reescrito, descoberto, pesquisado, partilhado.

Meus alunos, **acreditava e continuo** acreditando, devido ao potencial do sujeito que se alfabetiza, podiam mudar o rumo de sua história individual e também lutar por uma sociedade mais justa e igualitária, a partir de suas leituras e reflexões.

Foi um período em que busquei apoio em autores, como Paulo Freire, Rubem Alves, Miguel Arroio, Madalena Freire.

Alves me foi suporte em muitos momentos, embasando minhas crenças na importância da palavra do educador para mudar situações de opressão no meio onde vivem os alunos. Sua voz é a sua força. Alves afirma:

[...] o fato de todos aqueles que ainda têm a ousadia de falar e escrever acreditam, ainda que de forma tênue, que o falar faz a diferença. Isto é de crucial importância para o educador, e desta crença depende o seu sono e o seu acordar. Porque, com que instrumento trabalha o educador? Com a palavra. O educador fala. Mesmo quando o seu trabalho inclui as mãos, como o mestre que ensina o aprendiz a moldar a argila, ou o cientista que ensina o estudante a manejar o microscópio, todos os seus gestos são acompanhados de palavras. São as palavras que orientam as mãos e os olhos. (2008, p.35)

Em Freire encontrei a valorização da leitura de mundo, do diálogo, do respeito às individualidades.

É o autor que, falando da importância do ato de ler, nos dá a dimensão do papel da leitura: “[...] Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto ao ser alcançada por sua leitura crítica implica as percepções das relações entre o texto e o contexto.[...]”.(2001, p.11).

Leitura implica compreensão, num ir além das letras numa determinada ordem, formando palavras, é um “pensamento” que se concretiza, é todo um diálogo, que se faz, primeiro entre o escritor e ele mesmo, depois, com os leitores, materializando o pensar, dentro de um contexto que também se materializa para ambos.

Freire refere, também, a necessidade de o professor se arriscar dentro da incerteza, no ato docente, iniciando com uma leitura profunda da classe, fazendo registros, observações, repensando e refazendo o trabalho, num diálogo aberto com os alunos.

O autor esclarece seu modo de pensar, no que segue:

[...] Se, para a leitura de textos, necessitamos de instrumentos auxiliares de trabalho como dicionários de vários tipos e enciclopédias, também para a “leitura” das classes, como se fossem textos, precisamos de instrumentos menos fáceis de usar. Precisamos, por exemplo, de bem observar, bem comparar, bem intuir, bem imaginar, bem liberar nossa sensibilidade, crer nos outros mas não demasiado no que pensamos dos outros. Precisamos exercitar a capacidade de observar, registrando o que observamos. Mas registrar não se esgota no puro ato de fixar com pormenores o observado tal qual para nós se deu. Significa também arriscar-nos a fazer observações críticas e avaliativas a que não devemos, contudo, emprestar ares de certeza. Todo esse material deve sempre estar sendo estudado e reestudado pela professora que o produz e pela sua classe de alunos. A cada estudo e a cada resultado que se faça, em diálogo com os educandos, ratificações e retificações vão se fazendo. [...] (2009, p.68-69)

Busquei, nas palavras escritas destes e de outros autores, sedimentar a minha crença na educação e no trabalho docente.

As lutas do Magistério, como categoria sindical, também passaram a me envolver. Houve um tempo de participar de passeatas, de fazer acampamentos na frente da Sede do



Governo Estadual, na busca de melhores salários e pelo respeito à dignidade dos professores.

*“No novo tempo, apesar dos perigos,  
A gente se encontra,  
Cantando na praça, fazendo pirraça”.*

*Ivan Lins*

A insatisfação com o desrespeito à categoria me mobilizava, eu comecei a viver de modo mais direto, as lutas de classe. Não me bastava à sala de aula como espaço de mudança. Como escreve Corazza:

[...] foi o tempo de desmanchar as pretensões da Neutralidade Iluminada. De puxá-la pelos pés, fazê-la descer dos céus, fosse da religião ou da Ciência, virar a mesa. Tempo de politizar radicalmente a educação, de lutar por melhores condições de trabalho e salários dignos. Organizar-se em sindicatos, fazer greves, cobrar do Estado e dos patrões os direitos sociais e o respeito profissional e humano. Não mais querer ser a professora vocacionada, de que o magistério fosse dom inato à mulher. [...] (2005, p.16)

Depois, tentando desvendar motivos para as dificuldades de aprendizagem que percebia nos alunos, fui fazer especializações. Primeiro em Educação Infantil, mais tarde Psicomotricidade e em Alfabetização.

Novos autores passaram a fazer parte das minhas leituras: Alícia Fernandez, Emília Ferreiro, Ana Teberosky, Bruno Bettelheim, Karen Zelan e, outros, então, mais especificamente voltados às dificuldades motoras, como: Vayer, Guillarme, Le Boulch, etc.

Na área da motricidade não me fixei. Percebi que os alunos com que trabalhava não tinham dificuldades motoras a ponto de não conseguirem aprender em função delas. Também, na época, não se fazia inclusão, alunos com defasagens motoras acentuadas não frequentavam escolas ditas regulares.

A formação, porém, foi muito importante, pois me abriu a possibilidade de trabalhar no CAE, onde a atuação envolvia outros aspectos da aprendizagem, como a afetividade, as emoções, desejos..., tudo o que podia “aprisionar a aprendizagem”. Para atuar no CAE, com alunos com dificuldade de alfabetização, era necessário ser: fonoaudióloga, psicopedagoga,

treinada pela SE para trabalhar em Clínica de Leitura ou ser psicomotricista (o que era a minha especialização).

Quando passei a trabalhar em um CAE, como Reeducadora Escolar, busquei autores diretamente ligados à Psicopedagogia, como Nádia Bossa e outros, além de continuar a me respaldar em Alicia Fernández.

Trabalhava diretamente com alunos que “não aprendiam”; eram agressivos em suas salas de aula; tinham defasagem idade/série, eram desacreditados pelos professores e desacreditavam em si mesmos, não se alfabetizavam etc. Muitos deles tinham todas as “marcas” juntas.

A criança precisava encontrar, dentro de si, onde estava oculto o desejo de aprender, o que o aprisionava; juntos, buscávamos resgatá-lo, através de atividades diversas, desde o jogo até o desenho, perpassando por falar de seus medos, seus anseios, sentimentos.

Fernández, em uma de suas obras, esclarece sobre a relação dentre o apropriar-se do saber e a construção da autoria:

Diferentemente de respirar ou de outra função orgânica que já vem programada de modo instintivo, andar de bicicleta, assim como caminhar, escrever e demais conhecimentos requerem uma aprendizagem. É precisamente por isso que os processos de aprendizagem são construtores de autoria. O essencial de aprender é que ao mesmo tempo se constrói o próprio sujeito. Qual é o *plus* que o aprender outorga? Algo mais profundo, subjetivante (além do esquecimento do conteúdo aprendido) permanece e transporta-se para todo o acionar do sujeito aprendente: é o prazer de dominar...a bicicleta, instrumento-lápis-escrita-conhecimento. Prazer de dirigir, de ter autonomia, prazer de superar os limites de velocidade que o organismo permite, prazer de transcender o tempo e o espaço.[...] O jogar, o aprender e o trabalho criativo nutrem-se da mesma seiva e apropriam-se do mesmo saber-sabor.(2001.p.31)

Os alunos precisavam de “um olhar mais intenso”, que visse além do aparente. Era o que eu procurava fazer. Trabalhava, também, junto com as colegas da equipe, dando suporte para os grupos de professores das nove escolas, em sessões de estudo ou em dinâmicas para aprofundar o conhecimento individual e profissional.

A equipe de profissionais do CAE era composta por uma pediatra, uma enfermeira, uma nutricionista, uma psicóloga, uma bióloga, um dentista, uma psicopedagoga e uma reeducadora escolar (eu, no caso). As escolas atendidas localizavam-se junto a Belém Novo. Nossa sede era em uma escola no centro do bairro, era a única com Ensino Médio na região. As outras oito eram de Ensino Fundamental, algumas ainda não tendo todas as séries. Nossos deslocamentos eram, na maioria das vezes, no carro de uma das integrantes do grupo, momentos em que aproveitávamos para ir discutindo estratégias de trabalho.

Na época, fomos a primeira escola estadual que buscou trabalhar em Rede de Apoio. Reuníamos-nos no CT da Restinga, com todo um grupo que atendia a região, incluindo, conselheiros tutelares, diretores, vice-diretores, orientadores educacionais e profissionais da área da Medicina que atendiam alunos em outros locais. Na Rede todos se dedicavam a estudar, em conjunto, as necessidades dos alunos. As escolas municipais já faziam parte do grupo.

Após as reuniões, retornávamos às escolas para compartilhar as experiências da Rede, levando aos professores as orientações ou diretrizes que foram discutidas.

No período do CAE o olhar da Psicopedagoga argentina, Alicia Fernandez, foi muito importante na minha caminhada.

No livro “A Mulher escondida na Professora”, a autora expressa a necessidade de um *sadio* distanciamento do profissional que atende alunos com dificuldades:

[...] Tomar distância, poder descentrar-me e incluir o pensamento como um terceiro elemento entre meu aluno e eu, possibilita perguntar (e talvez responder-se, sendo que o principal é perguntar-se): A quem agride esta criança quando me agride? Quando um aluno me enfrenta agressivamente, se eu penso que ele agride a mim, Alicia, estou me colocando em um nível imaginário a partir do qual só conseguirei aumentar a atuação agressiva, impedindo a gestação de um espaço de pensamento. (1994, p.121)

O aluno que nos era encaminhado, por sua postura diferente, era, na maioria das vezes, considerado por seu professor, como agressivo ou desajustado às regras. Mas, ele, na realidade está agredindo outras situações (passadas e presentes) de sua história e tal agressão

era necessária para manter a sua saúde. Nosso trabalho revestia-se de urgência, para trazer o bem-estar da criança.

Em outra obra, a autora fala do drama vivido pela criança que não aprende e das consequências que o não aprender pode gerar:

O problema de aprendizagem, quando se instala, deixa o sujeito sem palavras para relatar seu drama. Os transtornos de aprendizagem, em relação a outros padecimentos psíquicos, apresentam uma particular especificidade.

Eles têm um certo caráter de urgência, pois, quando se trata de crianças, se a inteligência está ferida, pode ocorrer que os efeitos dessa dor sejam permanentes.(FERNANDEZ.2001, p.79).

No trabalho desenvolvido, em grupos ou individualmente, muitas vezes conseguíamos discutir as situações vividas pelos alunos e buscar alternativas promotoras de aprendizagem. Parte dos atendimentos ocorria na escola sede, em salas especializadas, onde recebíamos alunos que residiam mais próximo. Trabalhávamos em equipe. O aluno recebia atendimento, após um período de tempo variável no CAE, sempre se mantendo na escola de origem. Posteriormente a equipe reavaliava, acompanhava o desempenho na escola, por um determinado tempo, orientava o professor da turma, inclusive por um período após a liberação da criança.

Durante minha trajetória, também fui vice-diretora, em escola de Porto Alegre e diretora de escola, em outro município. Assumi uma secretaria municipal de educação, no litoral e prestei assessoria pedagógica, a outra prefeitura, também fora de Porto Alegre.

Como gestora, vivenciei muitas decepções, principalmente entraves políticos que prefiro até não rememorar os momentos em que exerci essa função.

Apesar disso, experiência foi um período válido, mesmo que sendo só para eu perceber que não gostaria de exercer novamente função de gestão.

Atualmente, como Orientadora Educacional, há momentos de trabalho com o aluno, individualmente, com pequenos grupos, atividades com as turmas, com pais e professores,

com um enfoque de autoconhecimento e de vivência em grupo, ou desenvolvendo atividades relacionadas com a prevenção e/ou a manutenção da saúde, a ecologia, a sexualidade, etc.

Em determinadas situações, onde houve agressão entre alunos, nos casos de *Bullying*<sup>2</sup>, ou até conflitos familiares, decorrentes de situações de ocorridas entre os discentes, coordeno Círculos Restaurativos (CR), atividade que promove encontros entre os alunos diretamente envolvidos em conflitos, seus pais, professores, amigos, colegas, para participem de momentos de diálogo, onde se oportuniza que os alunos “foco” falem de seus sentimentos, no momento do fato (ou fatos) ocorridos, ouçam os sentimentos do “opositor”, sem falar de culpa, de vítima ou agressor. Todo o grupo pode se manifestar. O objetivo é a promoção de um comprometimento dos alunos em reconhecer e aceitar as diferenças de opinião e de posição pessoal, sem que tais diferenças causem discussões ou brigas.

Tal atividade é orientada pela Justiça Restaurativa, ou Justiça para o séc.XXI. Para atuar nos C R , fiz formação, através da AJURIS ( Associação dos Juízes do Rio Grande do Sul). A formação foi oferecida a educadores e outros profissionais ligados a crianças e adolescentes, com o objetivo de subsidiá-los para a utilização de práticas restaurativas, buscando a transformação dos conflitos em convívio de aceitação de diferenças pessoais.

Junto com o SSE, participo da Coordenação Pedagógica da escola, apoiando o trabalho dos gestores.

Paralelamente faço a conexão da escola com o NASCA, no que se refere a cuidados com a saúde, e também com o CT, articulando ações para localizar alunos infrequentes ou para mobilizar famílias mais resistentes ao envolvimento com seus filhos, em que muitas vezes se identifica negligência.

Também sou responsável por promover a ligação entre minha escola e a SMED, coordenando o trabalho de acompanhamento dos Projetos Bolsa Família, Variável Jovem e Vou à Escola (o último, oferta carteira para transporte gratuito aos alunos mais carentes para virem à escola).

---

<sup>2</sup> - Segundo Silva, “palavra de origem inglesa que corresponde a um conjunto de atitudes de violência física e/ou psicológica que ocorrem nas instituições de ensino”. (2010, contra-cap)

Ao longo de minha atuação docente, dos diferentes lugares que ocupei, tudo o que vivenciei, meus erros, meus acertos, minhas (in) certezas, constituíram a professora que sou e a pesquisadora que está se construindo.

O espaço que o olhar delimitou é só um marco, uma referência na minha inconclusa história, cujos capítulos novos se fundem aos anteriores, não se descolam, pois me constituem, me (trans) formam.

Até o início do Mestrado não havia me dedicado à pesquisa, à busca de dados que me oportunizassem conhecer melhor o professor, seus anseio, medos, certezas, dúvidas, satisfações, insatisfações frente à profissão e a sua vida pessoal, pois ambas não se desvinculam. Quando não há satisfação ou reconhecimento profissional torna-se muito difícil buscar saídas. Atualmente a melhoria salarial continua sendo bandeira dos professores, desde que esta é uma luta histórica, hoje, acrescida, no Rio Grande do Sul, da pressão para que lhes sejam pagos vencimentos tendo como base um “piso salarial”. Mas, será que reside só nesse aspecto o descontentamento que alguns demonstram frente ao que fazem como profissionais?

O que foi exposto até aqui são elementos que me permitiram uma reflexão para melhor elencar os objetivos que nortearam a presente pesquisa.

## **2. DELIMITANDO A PESQUISA – Buscando as indagações que me mobilizam**

### **2.1 OBJETIVO GERAL**

Compreender dimensões que proporcionam sentimentos de (in) satisfação, externadas através de diferentes posturas docentes, entre profissionais de um mesmo contexto escolar.

### **2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

Verificar se há relação entre a postura profissional e a (in) satisfação com a função que o professor desempenha;

Identificar o que cada professor considera positivo no trabalho docente;

Elencar aspectos que considera negativo dentro da profissão;

Listar o que o professor sugere que seja alterado na formação e no dia a dia docente;  
Verificar se os profissionais percebem diferenças com relação à (in) satisfação e que dimensões apontariam na origem das diferenças entre o profissional (in) satisfeito.

## 2.3 EXPLICITANDO CONCEITOS

A explicitação de conceitos é condição para que o leitor possa adentrar com maior clareza, no entendimento da pesquisadora a respeito das dimensões que elege como significativas para o estudo e a compreensão dessas dimensões.

### 2.3.1 DOCENTE/DOCÊNCIA

Pensar em *docência* nos leva a buscar, primeiramente, o significado desta palavra. No dicionário Aurélio, encontramos: *docente*, o que ensina, respeitante a professores; como *docência* o mesmo autor refere: qualidade de docente, exercício do magistério ((FERREIRA.2008, p.200).

Arroyo enfatiza que a função docente é incorporada através de nossas vivências com nossos professores e se inicia nos primeiros tempos de escola e, em múltiplos espaços, tempos e múltiplas vivências.

[...] A figura da professora, do professor é das mais próximas e permanentes em nossa socialização. Quantas horas diárias, quantos anos vivendo com tipos diferentes de professores (as). Que marcas deixaram essas vivências nas representações de professor (a) que somos e que carregamos cada dia para o nosso trabalho? Repetimos traços de nossos mestres que, por sua vez, já repetiam traços de outros mestres. Esta especificidade do processo de nossa socialização profissional nos leva a pensar em algumas marcas que carregamos. São marcas permanentes e novas, ou marcas permanentes que se renovam, que se repetem, se atualizam ou superam. (2002. P.124).

O professor, por toda a influência que exercer sobre seus alunos, precisa ter bem definido, para si próprio, que profissional deseja ser, que imagem ele quer transmitir, em que valores ele acredita, pensar se sua postura é coerente com seu discurso. Não tem direito de transferir aos alunos sua insatisfação pessoal/profissional.

Arroyo nos move a pensar na grande responsabilidade que temos, quando escreve: “[...] A imagem da professora, do professor que tivemos não explica com exclusividade a imagem que cada um de nós carregamos.”(2002. P.125)

### 2.3.2 SATISFAÇÃO/INSATISFAÇÃO

Quanto à *satisfação*, encontramos: ato ou efeito de satisfazer-se, sentimento de quem está satisfeito, feliz, alegre; prazer, alegria. (2008.p.441); *insatisfação* é a falta de satisfação, desagrado. (FERREIRA.2008.p.293)

O psicólogo clínico Maslow defende a teoria que organiza as necessidades humanas num nível de crescimento, que se iniciam com as mais básicas, as necessidades fisiológicas, depois, necessidades de segurança, social, de estima e a mais importante: necessidade de auto-realização. O autor defende que a satisfação de uma necessidade leva à busca da outra. Assim se constitui a motivação para a vida. (Maslow, 2010)

Mosquera e Stobäus, com referência a uma personalidade saudável, expõem:

Difícil será para uma pessoa que tem problema de auto-imagem ou auto-estima, que não se considera positiva, relacionar-se bem com as outras pessoas. Maslow focaliza as relações interpessoais como muito unidas ao topo das carências que a pessoa tem, em termos da satisfação das necessidades, na sua hierarquia. Teríamos de pensar em que nível de satisfação das necessidades estamos e em que momento está a outra pessoa. [...] (2008.p.75)

No exercício da docência, o profissional que tem sua necessidade de auto-realização contemplada, sente-se bem entre seus alunos e tem condições pessoais que lhe proporcionam lidar mais adequadamente com as situações adversas que surgirem. Neste sentido, Santos e outros, expressam, com relação à docência, na atualidade:



Ser professor, em face de tantas exigências políticas, sociais e profissionais que são impostas no exercício da profissão requer uma diversidade de saberes que vão muito além de uma formação acadêmica. O exercício da docência no panorama educacional da atualidade requer uma gama de qualidades pessoais e interpessoais que possam contribuir para uma prática de ensino personalizada, motivadora e bem-sucedida, que só a formação continuada pode compor e, contudo, ainda não é efetiva em grande parte das instituições educativas.

O enfrentamento de novas funções e inúmeras responsabilidades, representando uma sobrecarga de trabalho, provoca o esgotamento e, conseqüentemente, a desmotivação. Por isso, torna-se compreensível que muitos docentes se sintam desmotivados e pouco comprometidos com o seu fazer pedagógico. (2010, p.28)

Considerando a complexidade que envolve o ensinar e o aprender, e as dificuldades dela decorrentes, bem como as inúmeras variáveis que interferem no fazer pedagógico, que procurei, na presente pesquisa, identificar dimensões que denotam (in) satisfação docente.

### **3. PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS METODOLÓGICOS**

No decorrer da pesquisa, foram empregados diferentes procedimentos e instrumentos metodológicos, conforme aparecem descritos abaixo.

#### **3.1 PROCEDIMENTOS**

Esta pesquisa foi realizada junto a docentes de uma escola de Ensino Fundamental de Porto Alegre, assim distribuídos: um de CE, um de Educação Infantil, um de Classe de Alfabetização, um de terceira série e outro de séries finais. Foi utilizada uma abordagem qualitativa.

Busquei compreender através da análise dos dados, o que externam as atitudes docentes, dentro do que procurarei definir como satisfação ou insatisfação, com referência ao trabalho que desenvolvem na escola.

A pesquisa de campo efetivou-se a partir do convite aos cinco profissionais para participarem da mesma. Foi solicitado a cada um dos professores, uma narrativa escrita sobre a sua formação profissional. Para preservar a identidade dos professores, foram utilizados nomes fictícios, com os quais passaram a ser denominados: Cesar, Laura, Camila, Marina e Sônia.

Houve intencionalidade na escolha dos profissionais. A escolha recaiu sobre dois professores que demonstravam posturas de satisfação com o trabalho docente, pois suas falas eram sempre otimistas, mesmo quando frente a dificuldades, outros dois, pelo contrário, suas posturas pareciam ser denunciadoras de insatisfação profissional, de falta de perspectiva, e, um quinto professor mais reservado, porém, através de sua fala, exprimia perceber que havia dificuldades e que as mesmas precisavam ser superadas.

Para iniciar o desenvolvimento da pesquisa, elenquei diferentes instrumentos metodológicos. A aplicação dos instrumentos segue explicitada, a seguir:

### 3.2 INSTRUMENTOS

Foram escolhidos e convidados a participar da pesquisa cinco professores da escola. Tendo a aceitação do grupo em participar, solicitei que fizessem uma narrativa, escrita sobre como ocorreu a formação de cada um, de maneira livre. Quatro escreveram mais sobre si mesmos, como estudantes em formação, de modo simplificado, utilizando até duas folhas manuscritas para relatar o que foi pedido. Uma quinta professora fez um memorial, trouxe fotos e documentos desde o tempo que sua bisavó lecionava. Escreveu muitas páginas cheias da descrição de sentimentos e detalhes enriquecedores mostrando a caminhada que percorreu até o momento do início da pesquisa.

Dentre os professores escolhidos, dois estavam e continuam fazendo formação continuada são os que manifestam, a dimensão da satisfação, com mais intensidade e em mais momentos de sua docência.

Após, foi utilizado um roteiro de entrevista, por mim elaborado. A entrevista foi gravada, a partir do consentimento dos professores.

A seguir, realizei a degravação, a unitarização e a categorização dos elementos obtidos. Duas grandes categorias emergiram, permitindo identificar dimensões denotadoras de satisfação e de insatisfação docente.

Outras categorias foram identificadas e apreciadas, como os sentimentos expressos pelos professores, com relação aos alunos, à carreira e aos pares, escolha da profissão (livre

ou influenciada). Juntas, deram complementação à análise textual discursiva e possibilitaram a elaboração um metatexto com os resultados obtidos.

Também realizei observações sistemáticas, em diferentes momentos da vida da escola, incluindo os convívios nos recreios, quando o grupo se reúne na sala dos professores, os Conselhos de Classe, as entregas de avaliações, as diferentes reuniões ocorridas (administrativas e/ou pedagógicas), os contatos com pais, responsáveis, nas Fichas de Encaminhamento ao SOE, em que o professor relatou o(s) motivo (os) de estar solicitando um atendimento individualizado ou a um pequeno grupo de alunos, nas atividades coletivas realizadas, como oficinas, dinâmicas de grupo, quando participaram, além dos alunos o professor de classe e o SOE.

Com as observações, além de registros, elaborei casos ilustrativos de situações que anexe à presente dissertação, elas são situações que denotam dimensões do estudo, em que os professores são protagonistas ou faziam parte do grupo.

O conteúdo que foi obtido durante o período da pesquisa possibilitou a elaboração de um meta texto, formado a partir de textos discursivos, que foram analisados, buscando a reconstrução de que foi escrito ou verbalizado pelos sujeitos. Segundo Moraes e Galiuzzi: “[...] visando atingir as compreensões reconstruídas dos discursos, conduzindo a uma comunicação do aprendido e desta forma assumindo-se o pesquisador como sujeito histórico, capaz de participar na interpretação e na constituição de novos discursos”. (2007, p. 111-112)

Através da presente pesquisa, busquei, nas diferentes situações estudadas, ter condições de elencar denotadores de (in) satisfação dos docentes, analisando vivências e práticas, mas me ancorando em teorias.

É um trabalho que, por suas características, não apresenta neutralidade por parte do pesquisador. Moraes e Galiuzzi deixam claro, quando referem:

Assim, assume-se que toda leitura de um texto é uma interpretação. Não há possibilidade de uma leitura objetiva e neutra. Fazer análises qualitativas de materiais textuais implica assumir interpretações de enunciados dos discursos, a partir dos quais os textos são produzidos, tendo consciência de

que isso sempre envolve a própria subjetividade. A leitura proposta pela análise textual discursiva, entretanto, não é uma leitura superficial e descomprometida. Quando de qualidade, envolve fazer leituras aprofundadas e rigorosas de um conjunto de textos. Nessa perspectiva as leituras, descrições e interpretações podem atingir significados dos quais nem o próprio autor esteve consciente. (2007, p. 113)

Segundo Minayo, a teoria precisa conectar-se a um contexto, que na presente situação, é uma escola de Ensino Fundamental da cidade de Porto Alegre, onde atuam os sujeitos pesquisados. A autora esclarece sua posição:

Nenhuma teoria, por mais elaborada que seja, dá conta de explicar ou interpretar todos os fenômenos e processos. Primeiro porque a realidade não é transparente e é sempre mais rica e mais complexa do que nosso limitado olhar e nosso limitado saber. Segundo, porque a eficácia da prática científica se estabelece, não por perguntar tudo sobre tudo, e, sim, quando recorta determinado aspecto significativo da realidade, o observa, e, a partir dele, busca suas interconexões sistemáticas com o contexto e a realidade. (2011, p.17)

Através dos instrumentos aplicados junto aos docentes da escola estudada, algumas dimensões denotadoras de satisfação ou de insatisfação foram destacadas, conforme denominam Moraes e Galiuzzi, durante a desmontagem dos textos, também denominado: “[...] processo de unitarização, implica examinar os textos em seus detalhes, fragmentando-os no sentido de atingir unidades constituintes, enunciados referentes aos fenômenos estudados.” (2007.p.11).

A desmontagem deu origem a duas grandes categorias: insatisfação e satisfação docente.

#### **4. OLHANDO A ESCOLA: Espaço da pesquisa**

As especificações da escola na qual a pesquisa aconteceu, aparecem descritas a seguir, dando a conhecer ao leitor, características da escola, tendo o cuidado de preservar a identidade da escola e dos profissionais participantes da pesquisa.

#### 4.1. CAMPO DE ATUAÇÃO DOS PROFESSORES

A escola integra a Rede Estadual de Ensino. Recebe alunos do Ensino Fundamental. Está localizada na zona oeste de Porto Alegre, atende uma média de novecentos alunos, em três turnos, em turmas desde a Educação Infantil, até a oitava série. À noite funciona a EJA, ciclos de um a quatro. Está implantando, gradativamente, no diurno, o ensino de nove anos, tendo turmas denominadas de “série” e, outras, de “ano”.

Existe uma turma de Classe Especial e uma de Transtornos Globais de Desenvolvimento (TGD). Os alunos, após um período variável de tempo, segundo suas necessidades, passam a frequentar turmas regulares. A escola tem como um dos seus objetivos, a inclusão. As duas turmas estão para serem dissolvidas, em virtude das propostas de inclusão dos alunos portadores de necessidades especiais em turmas regulares. Os alunos da CE serão incluídos na própria escola, os da TGD irão ser incorporados a escolas que ainda têm tal proposta. Acredito que tais alunos serão, todos, incorporados em classes regulares.

Os discentes da escola em análise pertencem à classe social baixa, muitos moram distante. As famílias relatam, quando questionadas sobre a possibilidade de os filhos estudarem mais próximos de casa, que acham a escola boa e preferem mantê-los ali. Outros já têm “tradição familiar” de estudar na escola. É uma instituição de mais de setenta anos de existência, tempo ao longo do qual sempre foi reconhecida como de ensino de qualidade.

Nela atuam aproximadamente setenta profissionais distribuídos entre as funções docente, administrativa e de manutenção. Um dos sujeitos da pesquisa é titular da CE, os outros quatro trabalham com turmas regulares.

Os momentos de diálogo com os professores sempre promovem aprendizagem, e, as trocas que eles proporcionam, são enriquecedoras. Minha função de OE facilita o “transitar” entre os docentes, me oportunizando explorar o que é percebido, de modo a facilitar momentos de reflexão.

Dois dos docentes pesquisados são tradicionais em suas posturas. Têm pouca flexibilidade no trato com os alunos e, frequentemente colocam alunos para fora da sala de

aula, delegando a outros profissionais a tomada de decisão, quanto as alternativas a serem adotadas e, dificilmente aceitam que o(s) aluno (os) retornem à sala, nos momentos de dificuldades.

#### 4.2 QUEM SÃO OS PROFESSORES PESQUISADOS?

*Sujeito Um: Cesar*

*“Eu sou Cesar. Tenho 52 anos, sou casado, tenho uma enteada de 43 anos. Leciono Inglês para alunos do Ensino Fundamental. Trabalho em três escolas. Ao iniciar a trabalhar precisava dar aulas em “cursinhos” para pagar a faculdade e concluir a formação, que durou além do tempo previsto, em função de ter que trabalhar e estudar. Ingressei no quadro do magistério como contratado, em 1999, tendo sido efetivado, por concurso, posteriormente”.*

*Sujeito Dois: Laura*

*“Sou casada, tenho dois filhos, um de nove anos outro de cinco. Tenho 39 anos. Cursei Magistério, iniciei a trabalhar ainda muito jovem, em turmas de educação infantil, em escola da rede privada. Tinha dezessete anos. Também trabalhei com turmas de EJA. Atualmente tenho turma de primeiro ano do Ensino Fundamental. Estou cursando Pedagogia. Considero “conspiradores românticos” todos os professores que encaram a educação como eu encaro. São os ganhadores. Acredito que o futuro do Brasil não são as crianças, são os adultos que formam essas crianças. Para mim a escola precisa ser um convite à infância. Ninguém gosta de voltar a um lugar onde foi maltratado. Por isso a prática pedagógica precisa promover o prazer de estar em sala de aula”.*

Com a entrevista já concluída, referi seu entusiasmo ao falar da profissão. Ela fez novas colocações que considereei significativas e registro aqui. Disse:

*“O que eu estou encontrando de gente cética e pessimista, na minha frente, que diz assim: Não! (não vale à pena). Eu digo: a base da aprendizagem é o afeto. O agricultor, quando vai plantar, ele não atira a semente na terra, e o professor tem que preparar o aluno. Uma criança, com baixa autoestima, passou frio, não dormiu de noite, passou fome. Tu não vais querer que ele tenha o raciocínio como tu. Tem que ter um afeto! Mas tem gente que confunde, não é só afeto, vai te chamar de tia? Não é deste tipo de afeto que estou falando. Tu podes ser afetuosa com teu aluno, humana, mas ser firme também. Eu sou uma professora que não grito em sala de aula. Eu não gosto, e eles sabem disto! E tu podes ver, a minha turma é tranqüila, não é? Porque eu trabalho com muito afeto com eles”.*

*Sujeito Três: Camila*

*“Eu sou professora, mãe, estudante, aprendiz. Tenho três filhos, a MV com 14 anos, a AC com 10 e o M, com três anos e cinco meses. Na verdade eu tenho quatro filhos. Eu tive a MC, que teria hoje 15 anos, já falecida. Sou casada há 16 anos com o T. Sou muito feliz, realizada, eu não tenho aquela visão de que eu preciso de mais alguma coisa pra ser feliz. O que eu tenho já me faz feliz! O que vier, além, é além!*

*Na profissão docente acredito que jamais conseguiria ensinar se não gostasse, se não me sentisse satisfeita com o meu trabalho.*

*Cursei Pedagogia e estou fazendo especialização em inclusão.*

*Estou trabalhando com alunos de terceiro ano do Ensino Fundamental”.*

*Sujeito Quatro: Marina*

*“Meu nome é Marina, eu tenho 60 anos, trabalho há 29 anos no Estado. Sou casada há 40 anos, quase 41, tenho quatro filhos homens, um neto, chamado J V. Trabalho há 16 anos com a CE, há 10 anos com a Sala de Recursos. Estou prestes a me aposentar numa matrícula. Também sou Supervisora da EJA. Trabalho sessenta horas. Não pretendia trabalhar, quando formada. Guardei o diploma na gaveta, porque ele era da minha mãe, eu não queria ser professora, ela é que insistiu. Comecei a trabalhar depois de ter os filhos já crescidos, porque a situação econômica não estava tão boa para poder criar filhos. “Esta é a MH!”*

*Sujeito Cinco: Sônia*

*“Sou a professora Sônia. Sou casada. Tenho dois filhos, um menino de 19 e uma menina de quase 15. Cursei Magistério, mas não queria ser professora. Meu pai me incentivou. Eu queria fazer Publicidade. Não cursei faculdade, até ingressei, mas não segui.”*

Os cinco sujeitos descritos por eles mesmos são os docentes através dos quais busquei identificar diferentes dimensões da (in) satisfação docente, através das entrevistas concedidas, das narrativas de formação por eles efetivadas e através da observação dos mesmos, em diferentes momentos do cotidiano da escola pesquisada. São pessoas comuns, porém com uma característica que os une e particulariza, são professores de uma mesma escola.

No momento inicial da participação dos cinco professores eles se definiram resumidamente, limitando-se a uma apresentação sobre si, suas famílias e fazendo referência a suas formações.

Sobre os sujeitos em estudo, é conveniente salientar que, como afirmam Mosquera e Stobäus :

[...] a idade cronológica não é nenhum documento fiel de que já somos pessoas maduras, equilibradas e conscientes. Pelo contrário, nossa pessoa, independentemente de sua idade, está sempre sendo colocada à prova, passando por crises, transformações, modificações que envolvem muitos aspectos que, às vezes, não nos damos conta e que têm uma relevância fundamental. [...] (2008, p. 69)

## 5. CENAS QUE ILUSTRAM O COTIDIANO DA ESCOLA

Durante o trabalho na escola, vivemos situações que mostram atitudes e externizam sentimentos dos professores de modo intenso. Elas permeiam o dia a dia docente, muitas vezes expressando posturas até então escondidas ou bem guardadas no interior de cada um. É preciso estar atento para perceber quando cada um expressa seus "guardados emocionais".

Alguns deles, relatei, denominando “Cenas Vividas na escola” onde atuam os professores/sujeitos da pesquisa, nas quais foram protagonistas ou estavam participando dos grupos.

### 5.1 CENA UM: HAVERÁ CULPADOS?

Na manhã do dia 29 de julho, na semana de Formação Continuada, durante uma reunião, a diretora apresenta gráficos da avaliação do primeiro trimestre do ano letivo (2011). O resultado da grande maioria das turmas foi baixo, tendo sido considerados, nas séries iniciais, os resultados de Língua Portuguesa e Matemática, nas séries finais, o resultado por disciplinas. Houve caso de até 93% dos alunos terem obtido NA (não atingiu os objetivos) numa disciplina.

Após apresentar os gráficos a diretora abriu espaço para discussão sobre alternativas que pudessem resolver a situação. Cabe retomar que a escola tem histórico de baixo Ideb.

“\_ Culpa dos alunos!” Falou uma das professoras com alunos de aproveitamento muito baixo.

Estabeleceu-se uma discussão entre os professores. Algumas referindo que há professores que usam a avaliação como instrumento de vingança ou de punição para com os alunos, outras dizendo que “eles não fazem temas, não estudam, não querem nada com nada”.



A diretora levou alguns minutos para poder ser ouvida pelo grupo e reforçou o que havia dito: \_ Não estamos procurando culpados! Precisamos é achar alternativas!

Dando continuidade aos trabalhos da manhã foi proposto que cada professor fizesse um perfil de suas turmas, procurando verificar quais habilidades precisam ser retomadas para que se consiga atingir as competências esperadas.

Os professores poderiam trabalhar individualmente ou agruparem-se conforme desejassem.

A professora que, no início da cena, disse que a culpa é dos alunos referiu que “iria encher linguiça”, ao fazer a elaboração do perfil.

No final da manhã alguns professores entregaram os perfis que elaboraram. Alguns, em forma de texto, como foi solicitado, outros como esquemas. Os que discutiram, defendendo que “a culpa era dos alunos”, não concluíram, ficaram de entregar depois. Deveria haver uma reunião de encerramento, no dia seguinte, porém a direção cedeu aos apelos de parte dos professores e o período de formação foi encerrado.

## 5.2 CENA DOIS: UMA ESTRANHA NO GRUPO

Uma das dificuldades discentes é a Matemática, que, junto com a Língua Portuguesa, lidera as reprovações dos alunos da escola.

Preocupadas com os resultados, (direção e coordenação pedagógica) estamos sempre buscando alternativas para tentar melhorar os índices de aprovação e a aprendizagem.

Eu, que faço parte da coordenação, comentei a situação com uma amiga, professora de Matemática, já aposentada, de fora da escola. Ela se dispôs a vir fazer um trabalho voluntário. Atenderia alunos indicados pelos professores das séries finais, no contra-turno. O atendimento seria, em grupos de até dez alunos, para aqueles que demonstrassem maiores dificuldades. Os pais teriam que autorizar a participação.

Tudo pensado! Professores consultados!

Surpresa! As reações foram as mais inesperadas. Alguns colegas acharam que todos os alunos teriam que ser atendido.

- Só alguns, é fácil, quero ver trabalhar com todos, disseram.

Uma professora resistiu nominar seus alunos, a cada dia usava um argumento diferente. Levou quinze dias para passar a lista.

Mas, o que mais chamou a atenção foi a hostilidade do grupo.

- Garanto que nem professora é! Só está vindo para ganhar algum dinheiro!

- Ela é VOLUNTÁRIA, voluntária, pessoal! Explicou a supervisora.

E quando a professora chegou, ficou mais difícil. Ela se veste de modo elegante, usa sapatos de salto alto.

Cumprimentou a todos, sorriu, foi para a sala atender o primeiro grupo.

Na sala dos professores, na hora do recreio: -“ Tu viste aquela mulher, viste a altura do salto?”

Realmente, chegou uma estranha no grupo! Para os que a receberam e para mim que a convidei, ficou a responsabilidade de não permitir que ela perceba os “olhares desconfiados”.

Os alunos estão gostando, não faltam, trazem colegas que também querem vir, fazem perguntas, esclarecem dúvidas e participam.

Ainda não temos os resultados de avaliações. Espero, sinceramente que a “estranha” seja aceita por seus pares.

As cenas descritas refletem posturas docentes, a resistência às novidades, bem como o medo de que a escola seja vista por outras pessoas que não fazem parte do seu cotidiano.

## 6. IDENTIFICANDO AS DIMENSÕES NAS ENTREVISTAS

Na análise das entrevistas e das narrativas de formação, foi possível elaborar quadros que mostram ao leitor, com clareza, o que foi apontado pelos professores sujeitos da pesquisa, no que se refere às dimensões (in) satisfação docente, suas narrativas de formação e os sentimentos que vivenciam com relação à escola e a escolha da profissão.

No decorrer da pesquisa, durante as observações realizadas, novos dados foram anexados e estão analisados no decorrer do trabalho.

Com os dados obtidos, montei quadros especificando as duas grandes categorias identificadas- Satisfação e Insatisfação, bem como dos sentimentos que elas mobilizaram nos professores pesquisados, também as expectativas frente às mudanças que esperam que ocorram para melhor desempenho da função que exercem, além de mostrar a questão da escolha profissional, se foi opção dos professores ou se seguiram orientação familiar.

Com referência às categorias, Moraes e Galiazzi salientam a importância dos contextos onde são produzidas. Os autores destacam:

A construção de um conjunto de categorias precisa levar em conta os contextos em que os materiais foram produzidos e os sentimentos daí emergentes. As categorias serão válidas se tiverem pontes com os contextos aos quais se referem, representando significados e vozes dos sujeitos envolvidos. Isso ao mesmo tempo implica que possibilitam inferências em relação a esses contextos. (2007. p.82)

### 6.1 INSATISFAÇÃO

<b>Fatores Geradores</b>	<b>Dimensões Denotadoras / professores</b>	<b>Sentimentos Referidos</b>
- Questão salarial; - Desrespeito/ desinteresse dos alunos;	- Falta de ânimo para entrar em aula; - Comentários negativos do	- Cansaço. - Aborrecimento;

<ul style="list-style-type: none"> <li>- Agitação dos alunos (mais acentuada atualmente);</li> <li>- Falta de recursos;</li> <li>- Falta de interesse de algumas famílias com a aprendizagem dos filhos;</li> <li>- Muita papelada para preencher;</li> <li>- Resultados mínimos e lentos (CE);</li> <li>- Categoria Massacrada;</li> </ul>	<p>grupo de professores referindo-se aos alunos;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Expressão facial/ Rosto contraído;</li> <li>- Professores que se “vingam” nos alunos porque o salário é baixo;</li> <li>- Pessimismo de colegas;</li> <li>- Os professores “usam” o baixo salário, mas na verdade falta respeito pela profissão (por parte da própria categoria);</li> <li>- O professor cobra pouco do aluno para que não cobrem dele;</li> <li>- Os professores novos “empurram” os alunos para a outra série.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Decepção (a realidade não corresponde ao que foi visto na formação);</li> <li>- Tristeza quando ouve dizer que professor só faz greve por salário/ quando leigos assumem o papel de docentes/ quando familiares desdenham da profissão;</li> <li>- Cansaço quando não há envolvimento dos pais;</li> <li>- Frustração por ter colegas que não se importam com os alunos/ porque as autoridades não valorizam a profissão;</li> <li>- Isolamento (não tenho amigos, só colegas);</li> <li>- Dor por ver a categoria tão desencantada;</li> <li>- Injustiçada pela falta de colaboração de alunos e pais;</li> <li>- Tristeza porque alguns querem aprender e não aprendem/quando têm que reprovar um aluno;</li> <li>- Dor quando a mídia divulga agressão a algum professor;</li> <li>- Desestímulo por trabalhar trinta dias e ganhar “uma merreca”.</li> </ul>
---	---	---

Analisando o quadro onde aparecem as insatisfações docentes é possível perceber que a questão do baixo salário é identificada como denotador, mas também são destacados: o desrespeito e a falta de interesse dos alunos, a agitação que eles demonstram em sala de aula, a falta de interesse das famílias, os baixos resultados obtidos nas avaliações e a falta de recursos da escola.

### 6.1.1 MUDANÇAS QUE OS PROFESSORES ESPERAM QUE OCORRAM

- Na prática pedagógica (sentar em círculo);
- Reinventar a infância (criança é criança e adulto é adulto);
- Comprometimento do professor com seu trabalho;
- Cursar a Faculdade de Educação porque quer ser professor, não porque é mais barata;
- Respeito aos profissionais por parte das autoridades; escola é lugar de professo, não de leigos;
- A escola ser um lugar prazeroso, seguro, atrativo e afetivo;
- A prática toda, não há mais lugar para alunos perfilados;
- Aprender na prática, vivenciar;
- Promover aulas mais dinâmicas, ruidosas, movimentadas;
- Mudar quase tudo, a começar pelos planejamentos;
- Não empurrar alunos para a nova série porque são “coitadinhos”.

### 6.2 SATISFAÇÃO

<b>Fatores Geradores</b>	<b>Dimensões Denotadoras / professores</b>	<b>Sentimentos Referidos</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Participação dos alunos, quando ocorre</li> <li>- Interesse dos alunos;</li> <li>- Parcerias com a coordenação pedagógica;</li> <li>- Prazer demonstrado pelos alunos;</li> <li>- A beleza do processo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ter expectativa a cada novo dia;</li> <li>- Ver que valeu a pena o dia trabalho;</li> <li>- Ouvir os alunos dizerem que gostam da escola;</li> <li>- Trabalhar por respeito ao aluno, apesar do salário;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Otimismo por ver que o professor é um guerreiro;</li> <li>- Realização, fazendo o que gosta;</li> <li>- Gratificação ao ver o encantamento do aluno que aprende;</li> <li>- Liberdade para trabalhar e</li> </ul>

<p>educativo acontecendo em sala de aula;</p> <p>- A existência de “conspiradores românticos” entre os pares;</p> <p>- Bom relacionamento com alunos, colegas e pais.</p>	<p>- Buscar formação continuada apesar da desvalorização;</p> <p>- Demonstrar alegria no espaço escolar e frente ao trabalho desenvolvido.</p>	<p>criar.</p>
---	--	---------------

O ato de ensinar supõe contato entre pessoas, professor e aluno. Tanto um quanto o outro precisam estar satisfeitos com suas vivências. Contato esse que é embasado no diálogo, no saber falar, mas, principalmente, saber ouvir.

Para saber sobre seus alunos, suas dificuldades e a realidade onde eles vivem, o docente tem que promover espaços de diálogo, de confiança, de ouvir e ser ouvido. Neste sentido Mosquera e Stobäus afirmam:

[...] diríamos que uma pessoa que desenvolveu a capacidade crítica é porque antes possuía uma capacidade analítica, portanto não ingênua. Quer dizer, aprendeu a ouvir e ver, realmente, para poder agir de modo mais consciente. Isso nos faz falta de vez em quando, pois não temos a serenidade suficiente de ouvir-nos a nós mesmos, nossas vozes interiores, de ouvir as outras pessoas.

Frequentemente nos custa muito parar para ouvir os outros, estamos muito mais preocupados em que nos ouçam, porém muito pouco dispostos a ouvir. Ouvir os outros e aprender a vê-los como são realmente é fundamental para as relações interpessoais, em especial para os professores, que devem estar muito atentos e poder, assim, agir melhor na realidade. (2008.P.70,71)

## 7. CONTEXTUALIZANDO AS DIMENSÕES ENCONTRADAS

Os resultados obtidos através da aplicação dos diferentes instrumentos e observações formam os textos que refletem a (in) satisfação dos docentes da escola em estudo.

### 7.1 DIMENSÕES QUE REFLETEM INSATISFAÇÃO DOCENTE

Analisando o quadro onde aparecem as insatisfações docentes é possível perceber que a questão do baixo salário é identificada como denotador, mas também são destacados: o desrespeito e a falta de interesse dos alunos, a agitação que eles demonstram em sala de aula, a falta de interesse das famílias, os baixos resultados obtidos nas avaliações e a falta de recursos da escola.

O último item citado foi destacado, aqui, com o propósito de mostrar ao leitor que, quando não há motivação, o trabalho desempenhado fica comprometido. A escola possui diversos recursos, tais como: sala de vídeo, equipada com multimídia, laboratório de informática, biblioteca, laboratório de aprendizagem, (munido de jogos diversos) bem como, disponibiliza os recursos que o professor solicitar para realizar seu trabalho. O professor que citou tal item refere-se como insatisfeito na docência. Quando questionado sobre o que já tentou fazer para ver se obtém mais satisfação com o trabalho, disse que talvez, se mudasse as classes de posição, poderia ter melhores resultados, mas não faz porque não dá. Suas aulas são restritas a quadro e giz e os alunos ficam extremamente agitados durante as aulas, o professor refere a agitação da turma como motivo de sua insatisfação. Assim, se forma um círculo reforçador da insatisfação.

Retomando a relação de fatores citados, que refletem a dimensão insatisfação docente, apareceram, ainda a falta de ânimo para entrar em sala de aula; o não gostar de ouvir outros professores fazendo comentários negativos com relação aos alunos ou se “vingando” das posturas que consideram negativas, aplicando provas muito difíceis ou, ainda, atribuindo notas baixas aos alunos, sem admitir rever seus critérios de avaliação; o pessimismo dos professores com relação ao valor que dão ao trabalho desenvolvido; professores “empurrando” alunos para a série seguinte, sem buscar promover a aprendizagem, julgando os alunos como “coitadinhos”.

A promoção de momentos de discussão franca entre os profissionais, não culpabilizando uns e enaltecendo outros, numa real busca de formação continuada, pode ser elemento promotor de satisfação. Atividades nesse sentido precisam ocorrer dentro da escola. Não é uma tarefa fácil. Nesse sentido, Santos, Antunes e Schmitt enfatizam:

O trabalho cooperativo entre os professores exigem que os mesmos estejam abertos para aceitar e desenvolver ideias dos colegas, reconhecendo a sua importância. No entanto, trabalhar cooperativamente pode representar uma caminhada um tanto árida, se o entendimento da cooperação por parte do educador não estiver internalizado, e as práticas pedagógicas estiverem arraigadas em concepções competitivas. Trabalhar cooperativamente implica em processo dialógico de ordem e desordem, no qual o docente deve estar em constante reflexão, permitindo-se percorrer do caos à ordem, vivenciando crises que ajudam no crescimento. (2010.p.28)

As ações e posturas divergentes entre os professores podem criar um distanciamento entre os docentes, muitas vezes gerando conflitos em reuniões. De um lado aparecem os que buscam melhorar seu trabalho, mesmo que frente a situações adversas e de outro lado os que aparentemente, fazem o mínimo necessário. Advém daí, o cuidado na condução do trabalho, onde a equipe de apoio pedagógico precisa estar preparada para administrar possíveis atritos, conhecendo a evolução do grupo, e tendo postura de liderança positiva, intervindo no momento adequado, para não criar uma fissura muito difícil de ser desfeita.

Recentemente houve uma reunião bastante acalorada na escola em análise. Foi usado o Livro Escola da Vida e a Vida da Escola (Miguel Ceccon et al). Os professores receberam, antecipadamente, um capítulo por grupo. Os grupos eram formados por docentes das Séries Iniciais e das Finais. Na reunião seguinte, quinze dias depois, os grupos teriam que apresentar seu capítulo ao grande grupo, de modo criativo. A elaboração do trabalho era competência dos componentes, podendo usar espaços e meios que achassem adequados.

Na apresentação, pelo conteúdo do livro, bastante reflexivo no que se refere às nossas responsabilidades como educadores, houve momentos de calorosa discussão. Mas foi muito rico. Ao final, uma colega referiu, em vinte e cinco anos de trabalho, não tinha vivenciado uma discussão tão produtiva dentro de uma escola. Dias depois ainda se comentava a liberdade com que cada um pode defender sua posição e o respeito que houve entre todos.

Pelo exposto, é compreensível entender os sentimentos, muitas vezes, negativos, que afloram entre os professores. É preciso coragem e muito investimento na capacidade crítica do grupo, bem como o apoio da equipe diretiva e pedagógica. É um trabalho cujos frutos costumam a ser percebidos, podendo ser tão lentos e sutis que até não sejam notados.

## 7.2 DIMENSÕES QUE REFLETEM SATISFAÇÃO DOCENTE



Junto aos professores pesquisados foram identificados, através das entrevistas e demais momentos do trabalho desenvolvido, dimensões de satisfação com a profissão docente. Elas são percebidas de diferentes maneiras, tais como: a expectativa a cada novo dia de trabalho; ver que foi válido o trabalho realizado no dia a dia; ouvir os alunos dizerem que gostam da escola; sentir e demonstrar alegria frente ao trabalho com os alunos; ver a beleza do processo educativo acontecendo, “ali na frente dos próprios olhos”; o bom relacionamento com pais, alunos e colegas; perceber a parceria da coordenação pedagógica; sentir o interesse dos alunos; trabalhar respeitando o aluno, apesar do baixo salário recebido; buscar formação continuada, apesar da desvalorização profissional; saber que ainda há “conspiradores românticos” entre os professores.

As dimensões se refletem nos sentimentos que trazem ao professor, como otimismo, realização pessoal/profissional, gratidão ao ver o retorno afetivo que os alunos demonstram, sentir liberdade para poder criar e alegria no espaço escolar.

As funções docentes têm ampliado o leque de envolvimento do profissional, exigindo uma diversidade de conhecimentos atualizados. O professor necessita estar constantemente em busca de atualização e de exercer domínios em áreas nas quais, possivelmente sua formação inicial não contemplou. Santos e outros explicitam tais mudanças na função educativa, através do que segue:

Ser professor, em face a tantas exigências políticas, sociais e profissionais que são impostas no exercício da profissão, requer uma diversidade de saberes que vão muito além de uma formação acadêmica. O exercício da docência no panorama educacional da atualidade requer uma gama de qualidades pessoais e interpessoais que possam contribuir para uma prática de ensino personalizada, motivadora e bem-sucedida, que só a formação continuada pode compor e, contudo, ainda não é efetiva em grande parte das instituições educativas. (2010.p.28)

Quando os professores verbalizaram sentir satisfação na maioria dos momentos em sala e trazem a expectativa de estar novamente com seus alunos, no caso dos pesquisados, eles estão continuando sua formação e são instigadores de mudanças na escola, trazendo contribuições de leituras ou de mudanças, que propõem em reuniões. Porém, sofrem críticas da maioria dos colegas, costumando trazer livros ou vídeos para compartilhar com os professores que têm um mesmo pensamento com referência às mudanças que precisam ocorrer.

Os que se envolvem se realimentam e a diferença entre um grupo e outro vai aumentando significativamente e se torna visível dentro dos diferentes momentos da escola.

Em quatro dos cinco textos referentes às histórias de formação os professores referiram gostar da profissão que escolheram, dois deles deixaram evidenciado que a escolha partiu deles e dois referiram que seguiram a orientação dos pais, por ser uma profissão mais segura ou mais garantida para mulheres.

No caso dos sujeitos da pesquisa, os dois que estão fazendo formação continuada, são os que manifestam a dimensão da satisfação com mais intensidade e, em mais momentos de sua docência.

Outra professora fez um Memorial bastante detalhado, que sintetizei, conforme descrevo, a seguir:

### 7.3 UM MEMORIAL DE FORMAÇÃO

A professora Laura foi a única do grupo que fez um Memorial de Formação, que descrevo parcialmente. Através dele, expressa o orgulho de fazer parte da quarta geração de professores da família.

Conta, entre inúmeros outros fatos, que sua avó trabalhava no antigo Centro de Reabilitação Profissional, do então INPS. Lá, ela ainda menina, passava as tardes, entre pessoas com danos físicos causados pelos mais diferentes tipos de acidente; eles estavam reaprendendo a viver e a trabalhar apesar das mazelas de que eram portadores. A menina admirava a dedicação e a firmeza com que a avó tratava todos eles, acreditando e fazendo-os acreditar em uma retomada de vida.

Ela escreveu: *“Eu adorava tudo aquilo, aquela estrutura toda, mas o que mais me chamava a atenção era a alegria dos alunos ao chegarem ao setor, a satisfação que aquelas pessoas, com bengalas, com mão mecânica, ou perna mecânica demonstravam quando conseguiam realizar uma tarefa bem feita ou produziam trabalhos que eram expostos e valorizados. Aprendi muito com minha avó naquelas tardes. Ali conheci a pedagogia do afeto.[...]”*

A professora, nos dias de hoje, demonstra muito afeto por seus alunos. Suas aulas são tranquilas, ela está sempre buscando o envolvimento das famílias na vida escolar de seus alunos, proporcionando atividades interessantes e atrativas. De um modo lúdico, vai realizando seu trabalho.

Quando leva seus alunos até a porta, no horário da saída a despedida é carinhosa, há abraços e trocas de sorrisos. Ela também considera seu salário insuficiente, mas refere que não vai fazer um trabalho medíocre por tal motivo. Seus alunos merecem e ela busca proporcionar tudo o que de melhor consegue.

#### 7.4 E OS DEMAIS PROFESSORES?

Para dois deles, a insatisfação predomina e o trabalho se torna difícil, conforme eles mesmos referem, e a questão salarial reforça, pois, para ter condições de viver com melhores condições financeiras, a carga horária é ampliada, muitas vezes, ao limite.

Para receber um pouco mais, um dos professores trabalha em três escolas. Uma delas, trabalha nos três turnos, mas se refere satisfeita, porém seu trabalho é com alunos em grupos pequenos ou individualmente.

Outra professora trabalha dois turnos e faz muitas referências às atitudes dos alunos e a própria insatisfação.

Outras duas, dentre os cinco sujeitos, trabalham em um só turno, demonstram e referem satisfação com o trabalho. Suas aulas são criativas e é perceptível o afeto que ocorre entre elas e seus alunos.

O grupo considera que há necessidade de mudanças. Os cinco professores esperam que ocorram. Nas suas falas trazem a descrição de uma escola ideal, porém, sem apontar caminhos para chegar à concretização de tal escola, como se as soluções tivessem que vir de fora, como se eles não pudessem assumir as mudanças, só esperar por elas. Não demonstram ter clareza do seu papel como parte fundamental em qualquer mudança na educação. Observando o que sugeriram, no quadro de mudanças que esperam ocorrer, tal posição é bem clara.

É necessária uma mudança urgente de postura. Arroyo nos traz a importância do momento atual como impulsionador de uma mudança de paradigma. Falando na quebra de imagens ele expõe o que segue:

A própria sensação de perda e de quebra de imagens que é vivida nas escolas pode insinuar efeitos de luz. Vejo este momento como um percurso no escuro, com medos, por isso, com atrevimentos que iluminam. Faço uma leitura um tanto invertida: vejo a perda de imagens como encontro, como libertação e como ganho, com estranho alívio, como decepção fértil. Carregar essas imagens de crianças risonhas e de adolescentes e jovens sonhadores era pesado demais. Sabíamos que essas imagens eram irreais, que se perderam no tempo. Deveríamos agradecer às crianças, aos adolescentes e jovens, sobretudo populares, por ter trazido às escolas a dúvida. Por terem a ousadia de demonstrar o imaginário o épico sobre a sua educação. Faz tempo sabíamos que a docência pouco tem de épica. (2011, p.51-52)

## **8. ENTRELACANDO OLHARES: docentes, pesquisadora e teóricos**

Os teóricos com os quais entrelacei meu olhar de docente e pesquisadora fizeram parte constantemente dos estudos efetivados durante o Mestrado. Foram eles que deram suporte à pesquisa. Somente Arroyo eu já havia lido. Os demais, com certeza, irão me acompanhar daqui para a frente.

### **8.1 ATUAÇÃO DOCENTE**

A atividade docente é extremamente de relação, de troca, de confiança, de contatos que precisam ser nutridos pela cordialidade e afetividade.

O ser humano tem necessidade de nutrir-se de afeto, importante impulsionador da aprendizagem.

Os autores Mosquera e Stobäus, em um artigo sobre educação citam: “[...] nosso trabalho remete concretamente ao tema da afetividade e, em especial, aos sentimentos que são manifestados na Educação, como base de desenvolvimento humano para toda a vida”. (2006, p.124).

Professores com dificuldades de convívio, emocionais que podem ocorrer precisam ser olhados com atenção, pois, no mínimo, estão obtendo resultados inferiores no seu trabalho e o desgaste de energia que estão sofrendo por conviver num ambiente que não lhes traz satisfação, promove desconforto no desempenho da profissão.

Com respeito ao cuidado consigo mesmo, que o docente precisa manter, Timm salienta:

Certo que o magistério é uma profissão que se alinha entre as profissões de ajuda ao outro, que tem na alteridade a sua razão de ser. Mas cuidar do outro não implica descuidar de si. A opção pelo outro não pode ter como consequência a abdicação de si. A educação do outro passa a todo momento pela educação de si. Ou seja: o cuidado do outro exigirá, inevitavelmente, o cuidado próprio. (2010, p.111)

Muitos são os questionamentos que tenho a respeito do atual momento do fazer docente: A insatisfação permite bom desempenho docente? Que consequências ela traz, tanto para o docente quanto para o aluno? Será adequado o profissional permanecer insatisfeito no desempenho do seu trabalho? O professor percebe o que lhe desagrada? O professor pode reverter a insatisfação? A crise da docência pode ser revertida? Onde repousam suas origens?

Josso, referindo-se às análises que faz das narrativas de professores por ela recolhidas, evidencia quatro buscas que os autores referem fazer ao longo de suas vidas, de modo mais ou menos consciente, que ela identifica como sendo *a busca da felicidade, a busca de si e de nós, a busca de conhecimento ou busca do “real” e a busca de sentido*. A autora, com relação às buscas, coloca:

O que caracteriza essencialmente as posições existenciais<sup>3</sup> de vida, estando todas elas misturadas, é a procura da *felicidade*. As narrativas de vida contam itinerários ao longo dos quais os autores qualificam as suas experiências de vida classificando-as, quer em períodos felizes, quer em períodos psíquica ou fisicamente dolorosos. A vida humana apresenta-se, pois de forma ininterrupta nesta dialética do bem estar e do sofrimento. É no incessante retorno deste “jogo de ioiô que emerge uma posição existencial mais ou menos ativa para tentar uma saída, se ela for pensada como possível, e para ir à descoberta de uma nova maneira de “governar” a própria existência, nova maneira essa considerada a melhor para amortecer os impactos, muitas vezes perturbadores dessa dialética. (2004, p. 88-89)

---

<sup>3</sup> A autora se refere às posições de expectativa, refúgio, intencionalidade e desprendimento. (N.R.)

Dois dos sujeitos da pesquisa, frequentemente, que referiram insatisfação frente a postura dos alunos, costumam retirar discentes de classe, mandando para a vice-direção, para que registre uma ocorrência. Tal atitude só faz ampliar o distanciamento entre professor e aluno, além de não favorecer a aprendizagem, pois não se estabelece entre eles, um vínculo sadio.

Abordando o relacionamento entre as pessoas, Josso esclarece o que seja um vínculo sadio:

É só quando nos sentimos bem conosco e com os outros, tendo a sensação de estarmos vivos e de podermos desenvolver o nosso potencial de humanidade, que esta busca do *eu* e do *nós* deixa de ocupar o primeiro plano da cena. Em outras palavras, quando o nosso conhecimento de nós mesmos nos permite associarmo-nos aos outros com prazer e criatividade, experimentando o equilíbrio entre o dar e o receber, estamos disponíveis para a exploração além de nós mesmos, estamos disponíveis para a vida. (2004, p.95-96)

Estando disponível para a vida e para o outro, teremos condições de lidar de modo mais satisfatório frente às dificuldades decorrentes do manejo de situações complexas, como por exemplo, o manejo de turma, bem como sentir satisfação pessoal, no fazer pedagógico.

Os professores referem a agressividade dos alunos como um dos motivos de insatisfação, mas há, da parte de alguns, atitudes agressivas e hostis, contra seus alunos, colegas e outras pessoas. Parecem que os docentes não conseguem ver que, muitas vezes, são suas próprias ações que desencadeiam as respostas agressivas/defensivas dos alunos.

Mosquera e Stobäus trazem a importância da sensibilidade norteando as ações docentes. Os autores expressam sua posição, no que segue:

A conexão entre sentimentos e o processo cognitivo propicia à pessoa uma vida de grande sensibilidade, que pode ser cada vez mais apreciada, na medida em que cada um desenvolve a sua capacidade afetiva e suas potencialidades diferenciais. (2006, p.129)

Professores sensíveis podem ver o que realmente passa através de uma agressividade e são capazes de analisar o que a está provocando e como lidar com a delicadeza que o momento requer.

Numa das cenas narradas no decorrer da presente dissertação, aparece ilustrada a hostilidade dos professores. Os docentes estão sendo hostis em muitos momentos da vida na escola. Sentimentos negativos são constantes.

Mosquera e Stobäus referiram, sobre a temática dos sentimentos dos professores, escrevendo:

[...] o que os docentes sentem é muito mais significativo do que eles acreditam pensar. Por isso, se uma pessoa sente hostilidade em seu ambiente de trabalho, e hostilidade à sua própria pessoa, a transmitir também às pessoas que a rodeiam. De fato, a Tese doutoral de Mosquera comprovou que a maioria dos docentes era hostil. Sendo hostis, ainda que não se dêem conta, contagiam seu grupo e seus alunos, e a aula se transforma em uma aula hostil. Como está essa hostilidade hoje em dia? Assim, grande parte dos problemas que um docente enfrenta pode ser proveniente de um ambiente hostil, podendo esse se tornar ainda mais hostil quando se trabalha com pessoas diversas. (2008, p. 68).

Citando Barceló e Redon, Mosquera e Stobäus alertam sobre a necessidade de promover alfabetização emocional para estimular a sensibilização das pessoas.

As dificuldades em relação à auto-estima se ampliam, na medida em que o professor não sente respeito por sua profissão, até pelos próprios membros da família. O sentimento é expresso por Laura, quando diz sentir tristeza, quando os familiares desdenham de seu trabalho.

As dificuldades de o professor desenvolver uma auto-estima elevada, podem ser entendidas face à crise em que se insere a profissão docente, causando, inclusive, dificuldades ao professor quanto ao processo de construção identitária profissional.

Pereira referindo a crise da profissão escreve:

[...] Assumir-se enquanto educador e optar conscientemente por um curso que o credencie para o exercício da profissão é um dos primeiros passos na direção da construção da identidade docente. Tal reconhecimento e escolha estão hoje comprometidos em função da representação social da profissão, fortemente marcada por um sentimento de inferioridade, mediocridade e incapacidade. As políticas públicas educacionais têm grande responsabilidade na construção e perpetuação desse significado, uma vez que a valorização do profissional da educação não consegue ir além de um

discurso pedagógico, que não se traduz em melhorias efetivas nas condições salariais e de trabalho dos professores. (2011, p. 47).

Somos pessoas inteiras, não há como separar o profissional do pessoal. Somos afetados por tudo o que nos ocorre, dentro e fora da escola, como a nossa própria idade, a saúde de filhos, pais, maridos (esposas), as dificuldades econômicas e tantas coisas mais que fazem nosso dia a dia. O como lidamos com as situações é que vai nos causar satisfação ou insatisfação. O nosso agir está vinculado à nossa maturidade emocional. O que para alguns é extremamente difícil de conduzir, para outros é uma oportunidade de crescimento, dependendo da postura do professor. Algumas vezes o professor se deixa levar por impulso e esquece que é o adulto da situação, vindo a sofrer e trabalhando insatisfeito.

Nesse sentido, os autores Batista e Codo referem:

O sofrimento psíquico poderá resultar desse “jogo de interdições” que a realidade do trabalho nas escolas impõe à realização do afeto e emoção que o trabalho demanda dos educadores. É nessa realidade, em última instância, que os educadores terão que provar sua competência profissional, ou seja, produzir um sentido para o esforço e sofrimento que normalmente as atividades de trabalham lhes exigem. (2006, p. 61)

## 8.2 UM NOVO TEMPO

*No novo tempo, apesar dos castigos, estamos  
em cena, estamos nas ruas, quebrando as algemas  
,pra nos socorrer, pra nos socorrer...*

Ivan Lins

A função docente, ao longo da história da humanidade, passou por inúmeras modificações. Através dela chegamos ao desenvolvimento atual. Nossas descobertas, nosso progresso, enfim, tudo o que hoje somos traz as marcas de quem educou e foi educado ao longo dos séculos. Os registros de nossa história são a prova concreta da importância do papel docente. A escrita, nos mais diferentes idiomas, a ética, as manifestações estéticas, enfim, tudo o que nos humaniza é permeado pela transmissão do conhecimento promovida por aqueles que ensinaram e pelos que ainda ensinam.



Arroyo afirma que estamos vivendo, atualmente, um tempo de “quebra de imagens”. O professor está se permitindo mostrar descontentamento com a situação educacional. O aluno, por sua vez, frente à aridez em que se transformou a (sobre) vivência nas classes menos favorecidas, está mostrando a sua realidade. Não é um “anjo de candura”. Viver é difícil. Ele está lutando com o que dispõe e muitas vezes, é só com a violência que ele conta. Nós, professores, estamos trabalhando com gente. O aluno com quem estávamos acostumados e que aprendemos a ver na teoria, não existe. Arroyo propõe que revisemos nosso direcionamento e aprendamos juntos, alunos e professores, a encarar a realidade. Não adianta tentar unir os fragmentos que restaram, é preciso construir imagens reais. É do autor o texto que segue, mostrando o que ele defende:

Começamos a ver-nos e a ver os educandos como novos personagens, com suas paixões, medos, esperanças e frustrações. Novas imagens, novos sujeitos que começam a falar, sem medo de falar suas linguagens. Os mestres também mudaram e falam outras linguagens. Sem medo de revelar-lhes seus medos, frustrações e esperanças. Só assim será possível reinventar entendimentos e convívios de personagens reais. Estamos avançando para um olhar mais profissional sobre nós e sobre eles e elas. Avançando para apagar imagens do passado e assim abrir a possibilidade de reinventar o presente. (2011, p.50)

A mudança não vai ser fácil. Ainda vai doer muito. Teremos que ter forças para aceitar que, apesar de toda uma intenção de acertar, estávamos nos sufocando e sufocando nossos alunos, num emaranhado de crenças que fomos acumulando ao longo da história da educação. Crenças que não cabem mais ser alimentadas. Vivemos um novo tempo, como diz Ivan Lins nos versos de sua canção:

*“No novo tempo, apesar dos castigos. Estamos  
crescidos, estamos mais vivos pra nos socorrer. No  
novo tempo, apesar dos perigos, da força mais bruta,  
da noite que assusta. Estamos na luta, pra sobreviver.  
[...]*

Ivan Lins

Arroyo expressa o apego às crenças que ainda encontramos:

[...] Há escolas que parecem ter optado por ser um palco onde se representa um melodrama onde os alunos se vingam de seus mestres e estes de seus alunos. Nem melancolia, nem melodrama, nem condenação apressada dos

alunos e dos mestres. Estas posturas nos fecham. Delas nada novo a esperar. São poucas. No palco da maioria das escolas, temos a sensação de que os personagens são os mesmos, porém assistimos a um espetáculo com nova ação, novos ritmos e novas cores. O repertório é repensado. A luz é encontrada no cotidiano, na invenção de relacionamentos. (2011, p. 50)

O papel das IES é preparar o novo roteiro, repensar as falas, mostrar a vida de um modo real. Não mais é possível passar a ideia de “escola paraíso”. *Cesar*, um dos sujeitos da pesquisa, durante sua entrevista disse que recebeu, na academia, a imagem de aluno da Suécia, muito diferente do aluno que encontrou em sala de aula, onde a indisciplina, segundo ele, causa insatisfação.

Felizmente as “imagens” estão se quebrando.

Reforçando a ideia do delicado momento que a educação está vivendo, Batista e Codo colocam sua posição:

Aspectos estruturantes da identidade profissional dos educadores, como sua formação, o papel social da educação e das escolas também estão sendo questionados. Ao certo, não se sabe como preparar hoje os educadores, não se sabe qual seria o papel da educação e da instituição escolar numa situação como a atual, caracterizada pela reestruturação do sistema capitalista e as brutais metamorfoses que acarreta (a outra face da modernização). As certezas tradicionais parecem se desmanchar no ar. (2006, p.61)

O olhar para si pode ser uma solução a se buscar. Falar de si, narrar sua vida faz com que não só o professor se conheça melhor como profissional, como possibilita a visibilidade da categoria.

Os estudos (auto) biográficos, nos últimos anos, têm tornado mais visível os sentimentos, dúvidas e as fragilidades dos profissionais docentes. Conhecendo suas histórias pessoal/profissional teremos oportunidade de um aprofundamento maior sobre as necessidades desta categoria de trabalhadores, antes olhada pelo outro lado da lente - o aluno, sua aprendizagem, os métodos mais efetivos, estatísticas de aprovação e muitos outros aspectos.

Segundo Nóvoa:

[...] O movimento nasceu no universo pedagógico, numa amálgama de vontades de produzir um *outro* tipo de conhecimento, mais próximo das realidades educativas e do cotidiano dos professores.[...] a força do movimento tem-se imposto, provocando reviravoltas curiosas. (2000, p.19)

Estamos vivendo um momento/movimento novo. As pesquisas (auto) biográficas estão mostrando o profissional docente de modo mais inteiro. A vida do professor está sendo valorizada. Não podemos separar seu eu pessoal do profissional.

Neste sentido, Sampaio constata a mudança que está ocorrendo:

Os educadores de todas as áreas do conhecimento começam a se conscientizar dos desafios e dificuldades que envolvem o processo educacional, o qual não se restringe a ter um diploma de graduação, de mestre ou doutor, mas, também, que os educadores tenham competência pedagógica que lhes possa dar suporte para o desempenho da sua função, a fim de atingir os objetivos educacionais. (2010, p.30)

A mesma autora refere a responsabilidade das Instituições de Ensino Superior no sentido de promover projetos que possibilitem que seus docentes não sejam meros transmissores de informação, mas educadores comprometidos com a tarefa educacional. Das IES precisam sair novos educadores, aptos a uma nova missão. Ela salienta a necessidade de formar um profissional que seja:

[...] educador que busca desenvolver os seres humanos, em qualquer nível de ensino, possui certas características particulares que o diferenciam de qualquer outro profissional e lhe conferem uma dimensão ética de responsabilidade. Ele vive a mútua interação educador-educando e esta, se não estiver fundamentada em projetos comuns, pode provocar tensões e dificuldade que podem prejudicar o projeto educacional em que estão inseridos. (2010, p.31)

Os pontos de tensão referidos podem ser provocadores de insatisfação, tanto com relação ao professor, quanto aos alunos.

As inquietações estão tomando forma, nos textos que mostram a formação e atuação dos professores, manifestas nas narrativas de vida, hoje poderoso instrumento para a compreensão do papel do professor e da docência dentro das escolas e IES.

Os professores estão enfrentando dificuldades para exercer seu ofício, mas estão podendo falar delas e serem ouvidos por seus pares e por todos os que tiverem interesse nas questões da escola.

Ao analisar a atualidade das narrativas de vida e a perplexidade que parte dos docentes sente ao exercer sua prática, Arroyo destaca:

Vejo que há muita apreensão, mas também muito afeto nas escolas. Muitos coletivos docentes estão substituindo a queixa pela denúncia e pelo ensinar, cuidar, acompanhar as trajetórias dos educandos. Perguntei-me qual seria o melhor estilo para captar esses momentos. Pensamos narrando. O estilo é narrativo e coloquial. Porque vejo rostos humanos nos milhares de professores(as) sujeitos desses processos. Não é suficiente narrar as práticas que vêm acontecendo nas escolas, mas contar as histórias dos sujeitos e dos significados que lhes dão. Como educadores convivendo por ofício com as pessoas, o que nos impressiona são os significados humanos. As perplexidades que estão acontecendo nas escolas nos tocam porque redefinem a vida dos educandos e dos educadores. Nessas perplexidades todos nos revelamos inseguros como corresponde a condição humana. (2011.p.28,29)

Há uma desvalorização profissional que se manifesta de inúmeras formas na sociedade atual. O capitalismo, que dita as regras de viver em sociedade, prioriza o ter, as produções de bens de consumo são desejadas, acima de tudo. Ser ficou sendo secundário. A ação docente, como já afirmamos, centra-se nas relações pessoais, em que o ser tem efetiva significação. Muitas vezes o diálogo entre professores e alunos fica truncado, pois, crianças e jovens vivem num tempo de satisfação imediata de seus desejos, querem o ter e querem agora. Estudar, para muitos é algo que não demonstra frutos, pelo menos, imediatos. No fim do ano eles só perguntam se irão passar, se estudar bastante. Eles vivem o hoje, o futuro parece estar longe. Questionam: Para que estudar? Por que pesquisar, tem tudo na internet? Dizem: “Eu olho no Google!”

Transmitir valores, nos dias de hoje, falar em moralidade não está tão fácil. O profissional precisa estar muito seguro quando promove espaços de discussão sobre determinados assuntos.

A respeito das mudanças, Santos esclarece no que se refere aos reflexos que elas estão ocasionando na prática docente:

Sabe-se que esses tempos de transformações, de mudanças de paradigma, de reestruturas sociais refletem diretamente no docente. Antes ele era o detentor do conhecimento, professava um saber dito único, com alunos homogeneizados pela própria seleção social. Atualmente, ainda responsável pelo ato educativo, o professor é o mediador do conhecimento, aquele que deve oportunizar o aprendizado de cada aluno, além de perceber a heterogeneidade do grupo para atender a todos. (2010. P.252)

O professor, precisa, conforme propõe Arroyo manter familiaridade com a formação (sua e do aluno), conforme refere:

Encontrar os vínculos entre tempo e ensinar, tempo e aprender resulta familiar aos coletivos docentes. Encontrar os mesmos vínculos entre tempo e formação do ser humano resulta distante. A dificuldade está na falta de familiaridade com a formação. [...] Nas reflexões sobre formar o sujeito ético descobrimos que não é fácil assumir essa formação como tarefa da docência, nem sequer da escola. Estaria aí uma das resistências docentes a reconhecer que cada tempo da vida é um tempo-ciclo de formação? (2011. P.223)

A relação professor/aluno se caracteriza, normalmente, por um hiato entre as idades de ambos. O tempo de formação do professor não pode estagnar, ele tem que estar sempre investindo em auto-formação, sob pena de não poder efetivar sua docência, principalmente nos dias atuais, onde a tecnologia e a globalização dão novas características à educação.

Sampaio destaca a influência da modernidade em nossas vidas e o cuidado que se faz necessário para mantermos a nossa humanidade. Cuidado que precisa estar presente na ação do professor, no seu fazer pedagógico. A educação tem o compromisso de preservar o homem e o planeta. Precisa manter-se norteadada por valores morais e éticos. Fazer do seu espaço um lugar de satisfação pessoal, tanto para professores quanto para alunos, sem deixar de usufruir os benefícios tecnológicos que estão sendo colocados na sociedade. A referida autora declara a respeito do papel da educação:

Emerge um novo conjunto de valores, princípios e concepções que está impulsionando uma mudança de paradigma em prol da reconstrução do ser humano, da sociedade e do planeta. Isto tem pressionado amplamente a vontade coletiva em atribuir o papel prioritário à educação, reconhecendo sua importância para o desenvolvimento das nações. (2010, p.22)

Para cumprir sua função, os professores precisam estar bem consigo mesmo. É necessário que as relações interpessoais sejam pautadas naquilo que nos torna coletivo, sem esquecer a individualidade que nos faz únicos, para que docente e discente, vivendo esta duplicidade de olhares, transitem na atualidade sabendo respeitar e ser respeitados, reconheçam o outro dentro do contexto atual e as implicações que a moderna sociedade nos impõe.

Sobre a modernidade, Corazza escreveu:

Aconteceu que vivemos mais algumas décadas, o muro de Berlim e as Torres Gêmeas foram derrubados, o mundo foi globalizado e a crueldade, mundializada. Entramos em um novo século e milênio. Experimentamos sucesso e muitos fracassos. Mudaram as condições sociais, os espaços, relações, identidades, racionalidades, culturas. E mudamos nós. [...] Nos dias de hoje os movimentos sociais não podem ser os mesmos, o currículo e a pedagogia não podem mais agir e nem pensar como antes, os professores e os alunos não podem educar nem serem educados como até então. [...] (2005, p. 17-18)

Se as mudanças são tão grandes, a escola precisa revisar seu papel e sua postura. Não há neutralidade, e nunca houve. Hoje tudo influencia e é influenciado de um modo extremamente rápido. A tecnologia nos faz cidadãos do mundo e nos impõe atualização constante. Não existem sujeitos e saberes prontos. Ser professor, hoje, implica estar aberto para a formação continuada, as trocas, o compartilhamento de saberes, de dúvidas, de sentimentos e a convicção de que o respeito pela profissão começa em cada um de nós em primeiro lugar.

Professores desvalorizados econômica e socialmente tendem a ter que trabalhar em mais de um espaço escolar, pois vivem, também, em uma sociedade consumista. Atualizar-se custa muito caro e exige muito esforço, pouco ou nada sobra para investimento profissional, em função dos baixos salários recebidos, que por sua vez, refletem o descomprometimento das autoridades frente à educação. Ademais, o trabalhar em vários espaços escolares para aumentar o salário implica dificultar o estabelecimento de interações substantivas entre professores e alunos.

Tardif e Lessard, referindo-se às interações tão necessárias ao trabalho docente, afirmam:

[...] a escolarização repousa basicamente sobre interações cotidianas entre professores e os alunos. Sem essas interações cotidianas a escola não é mais nada que uma imensa concha vazia. Mas essas interações não acontecem de qualquer forma: ao contrário, elas formam raízes e se estruturam no âmbito do processo escolar e, principalmente, do trabalho dos docentes sobre e com os alunos. (2007, p.23)

As interações perdem muito em afetividade e em prazer de estar convivendo, quando os profissionais sentem-se diminuídos, em função da remuneração. Os baixos salários são destacados pelos professores entrevistados na presente pesquisa como elemento que provoca insatisfação.

Os mesmos autores citados anteriormente, analisando a (des) valorização do papel do professor, na sociedade atual, salientam:

[...] Fundamentalmente, o ensino é visto como uma ocupação secundária ou periférica em relação ao trabalho material e produtivo. A docência e seus agentes ficam nisso subordinados à esfera da produção, porque sua missão primeira é preparar os filhos dos trabalhadores para o mercado de trabalho. O tempo de aprender não tem valor por si; é simplesmente uma preparação para a “verdadeira vida”, ou seja, o trabalho produtivo, ao passo que, comparativamente, a escolarização é dispendiosa, improdutiva ou, quando muito reprodutiva.(op.cit p.17)

Outro aspecto que é percebido, na análise dos dados da presente pesquisa é a queixa sobre a falta de interesse dos alunos. O que é, também, frequentemente verbalizado nos grupos de professores.

A este respeito, Arroyo escreve, retomando apontamentos de falas de professores, em reuniões de que participou:

[...] É deles que falamos nos encontros, nos recreios. Habitam nossas cabeças, nossos medos, ânimos e desânimos. Por que recentemente nos preocupam e incomodam tanto? Alguns chegam dóceis, nos cativam. Outros chegam sem pedir licença, arrogantes, indisciplinados, até violentos. Nos assustam.(2011, p.33)

É em algumas atitudes dos alunos que o professor encontra insatisfação. Como denota a fala de um professor: *“A gente está tentando ensinar as matérias, eles não estão nem ai, pra ti, tão brincando, dizendo piadinhas”*. (Cesar)

No ato de ensinar/aprender, alunos e professores precisam estar envolvidos. Se uma parte desse binômio não está conectada, não existe integração, conseqüentemente, não existe aprendizagem.

Tardif e Lessard salientam que:

[...] os professores são também *atores* que investem em seu local de trabalho, que pensam, dão sentido e significado aos seus atos, e vivenciam sua função como uma experiência *pessoal*, construindo conhecimentos e uma cultura própria da profissão. Em síntese, o trabalho docente não consiste apenas em cumprir ou executar, mas é também a atividade de pessoas que não podem trabalhar sem dar um sentido ao que fazem, é uma interação com outras pessoas: os alunos, os colegas, os pais, os dirigentes da escola, etc.(2007, p.38)

Outros professores, apesar da baixa remuneração, demonstram satisfação na sua atividade profissional, como expressou uma professora, durante sua entrevista: “tem pessoas que olham a educação com desdém, criticam, falam como se fosse um bico, não uma profissão. (Laura)

As autoras Soratto e Olivier-Heckler, falando sobre professores, reforçam a existência de uma satisfação profissional que aparece mesmo com baixos salários (o que para outros é causa de insatisfação):

Se o professor tem condições organizacionais ruins de trabalho e ainda assim se mostra muito bem, então é o próprio trabalho (valor de uso) e não o valor de troca que o move; é o próprio trabalho, e não as condições em que se realiza, o primeiro e o mais importante preditor dos altos níveis de satisfação, boa relação com o produto e centralidade no trabalho demonstrados por estes profissionais  
Enquanto muitos trabalhadores suportam o trabalho e através do salário buscam satisfazer seus desejos, o professor, ao contrário, suporta o salário para continuar tendo o privilégio de satisfazer um desejo que é de todos nós, mudar o mundo através de sua ação, transformar com seu trabalho a si mesmo e ao outro, inventar um futuro a partir de seu próprio gesto. (2006, p. 121)

A colocação dessas autoras aparece bem clara na fala de uma das professoras entrevistadas:



*[...] “até na minha família tem pessoas que olham a educação com desdém, criticam mesmo [...]. Eu sou uma profissional, eu tenho uma missão. A educação é o instrumento que a gente tem para mudar tudo o que está aí.” (Laura)*

Os professores entrevistados, assim como seus pares, na educação brasileira atual, estão enfrentando dias difíceis, como assim referem os autores Batista e Codo:

Atualmente os educadores estão experimentando uma crise de identidade. De forma mais ou menos direta, o conjunto de fatores que ingressam na configuração dessa crise apontam a um questionamento do saber e saber-fazer dos educadores, da sua competência para lidar com as exigências crescentes do mundo atual em matéria educativa e com uma realidade social cada vez mais deteriorada, que impõe impasses constantes à atividade dos profissionais.[...] (2006.p. 60)

## **9. ENTRELACANDO DIMENSÕES**

Minhas leituras dos instrumentos aplicados, bem como meu referencial teórico estão presentes, de modo implícito ou não, nas análises realizadas.

Cabe salientar o que destacam Moraes e Galiuzzi com relação à análise textual: “[...] propõe-se a descrever e interpretar alguns sentidos que a leitura de conjunto de textos pode suscitar. Sempre parte do pressuposto de que toda a leitura já é uma interpretação e que não existe uma leitura única e objetiva [...]”. (2007-p.14)

Na organização das categorias, mais dimensões de insatisfação do que de satisfação foram elencadas. Também estiveram presentes as questões salariais, mesmo entre os que se consideram satisfeitos, apesar destes, não considerarem o baixo salário justificativa para desenvolver um trabalho de menor qualidade.

Ficou evidenciada a diferença de postura entre os professores. O prazer de estar na escola é expresso por atitudes simples do dia a dia, a iniciar pelo acolhimento na fila, que é dispensado aos alunos. Para outros, o fato de o aluno não trazer um livro, por esquecimento, ou não fazer o tema é razão para colocarem-no para fora de sala.

Analisando as colocações nas entrevistas e nos demais momentos da pesquisa é possível perceber a existência de denotadores de (in) satisfação docente e as narrativas de formação deixam evidenciado que, algumas vezes a escolha da carreira não é pessoal, o que pode influenciar de modo negativo na vida do docente.

Sônia,, quando faz encaminhamentos ao SOE, ou quando tem dificuldades com as atitudes dos alunos em sala de aula ou em outros ambientes da escola, demonstra agressividade, que expressa através do vocabulário que utiliza, desqualificando alunos, dizendo, por exemplo: *“esse não tem jeito, não quer nada com nada, nem adianta chamar os pais, porque também não fazem nada”*; *“não sei mais o que fazer com essa criatura”*.

Em um parecer pedagógico que escreveu e pretendia enviar ao CT referiu que *“notava a carência afetiva do aluno que podia ser reflexo de sua desestrutura familiar”*, referia uma carência afetiva, sem nenhuma base, sem buscar uma aproximação com o aluno, para através do diálogo, mostrar o seu afeto de professora.

### 9.1. SATISFAÇÃO X INSATISFAÇÃO

Através dos diferentes instrumentos aplicados e das observações realizadas foi possível organizar os resultados em categorias estruturadas.

A categoria insatisfação contrapõe-se à satisfação, porém elas não são excludentes num mesmo sujeito, nem têm a mesma força de um sujeito para outro.

Foi possível constatar que, com referência ao baixo salário, todos os docentes concordam que é real, mas não é definitivo para excluir a satisfação frente ao ofício, para alguns, porém é determinante para outros.

No que se refere à graduação, houve referência entre os docentes analisados, ao distanciamento entre o que era mostrado e a realidade de sala de aula, quando trabalharam, efetivamente. A este respeito, Diniz-Pereira chama a atenção para um problema na formação, dizendo:

[...] começa a evidenciar-se um caráter contrastivo e relacional do conceito de identidade e mais especificamente da noção de identidade profissional docente, pois é a partir do momento que se assume a condição de educador- ou seja, quando a pessoa se coloca diante de outras e estas, reconhecendo-se como alunos, identificam-na como professor - que se inicia efetivamente o processo de construção da identidade docente. Mesmo que essa pessoa já tenha se imaginado nessa condição anteriormente, é só a partir da experiência concreta que esse processo será desencadeado. Tal constatação inevitavelmente nos faz pensar na inadequação dos cursos de formação inicial de professores do Brasil e de outros países, em que o estudante é capaz de concluir seu percurso na instituição formadora sem nunca ter assumido efetivamente o papel docente. (2011. p.48)

Quanto ao envolvimento com o trabalho desenvolvido, há referência ao desinteresse dos alunos, principalmente entre os docentes das classes mais avançadas e o desinteresse dos pais, identificado como causador de insatisfação nas classes de crianças menores. Também nas classes iniciais é observado, pelos profissionais, o prazer em aprender, tornando satisfatório o trabalho desenvolvido.

Vários são os denunciadores da insatisfação percebidos em si, pelo profissional ou deste entre seus pares. Foram destacados: a falta de ânimo para vir trabalhar, as expressões fisionômicas contraídas na sala de aula, diferente da que é apresentada em outros espaços; o cansaço no final do trabalho; o desencanto da categoria docente frente a sua profissão; a postura “vingativa” na avaliação dos alunos, tendo a nota como instrumento principal; o pessimismo de colegas frente à importância da categoria como se fosse apenas um subemprego; a postura rebelde frente a necessidades de fazer registros e planejamentos, como se estivesse fazendo um favor e não cumprindo uma responsabilidade inerente ao trabalho; os comentários desabonadores frente à dificuldade dos alunos.

A busca da satisfação é parte inerente do ser humano. Professores satisfeitos encontram motivação para desempenhar suas funções, até nos obstáculos do dia a dia.

Superar a insatisfação é um desafio muito grande, mas é através dele que os professores poderão vivenciar seu papel pessoal e profissional. Cabe a todos a busca de um

autoconhecimento e fortalecimento para que tal aconteça, desde as escolas até a formação nas Instituições de Ensino Superior.

Josso afirma, a respeito do desafio, o que segue:

O desafio que se perfila no horizonte de um projeto de conhecimento reside, neste ponto da reflexão, na capacidade de cada um viver como sujeito de sua formação, em outras palavras, de fazer tomadas de consciência não somente para a reivindicação de ser sujeito, mas para a sua realização, por mais difícil e frágil que possa ser. O projeto de conhecimento assume então toda a sua amplitude, não só porque define um interesse de conhecimento e uma perspectiva de formação, mas também porque contribui para a constituição de um sujeito que trabalha para a consciência de si e do meio, bem como para a qualidade de sua presença no mundo. [...] (2010.P.27)

## 9.2. SENTIMENTOS EMERGENTES

Quanto aos sentimentos os docentes referiram: desânimo, frustração, tristeza, otimismo, entusiasmo, desencanto, entre outros. Ficou evidenciado, na análise realizada, que os sentimentos negativos estão preponderando sobre os positivos. Para os docentes tal situação reforça a insatisfação que é vivida.

Mosquera e Stobäus a respeito do assunto chamam a atenção para uma busca de vida de relações interpessoais mais saudáveis. Referem os autores:

Nesse sentido, gostaríamos de chamar a atenção de que o tema do desenvolvimento saudável da personalidade é de máxima importância para os estudos pedagógicos e nas últimas décadas tem voltado com maior força para orientar melhor a educação de professores, tentando alcançar níveis de maior significado e profundidade na dinâmica interpessoal nos ambientes de ensino. (2008, p.68)

Num contexto em que a auto-estima é sufocada pelo pouco valor que é dado aos profissionais, a busca de soluções se faz urgente.

Neste sentido as narrativas de vida dos professores, suas histórias, as trocas que são oportunizadas estão dando transparência aos sentimentos dos professores.

Marina, por exemplo, declarou que não queria cursar o Magistério. Cursou porque sua mãe considerava uma profissão segura. Guardou, por muito tempo, o diploma em uma gaveta. Só retirou de lá, anos depois, quando já tinha seus filhos crescidos e estava precisando colaborar com a renda familiar.

Esse sentimento negativo em relação à profissão de professor, no entanto, teve que ser submetido, tendo em vista à circunstância de vida dessa professora, a qual não é única. Pelo contrário, reflete-se em outros professores, desde que são idênticos os condicionantes sócio-econômicos e culturais que afetam nossas vidas.

Josso analisa as circunstâncias vividas e expressa:

A ampla delimitação de contextos e situações de vida, das diversas atividades, de encontros que marcam uma vida - as pessoas significativas da família, os acontecimentos pessoais e sócio-históricos - começam a desenhar contornos de singularidade de um percurso de formação, e começa a evidenciar aprendizagens; momentos-charneira e desafios que os atravessam, valores ou valorizações que os atravessam, valores ou valorizações que orientam escolhas, bem como preocupações e temas recorrentes. (2004. P.64)

Para Marina o *momento-charneira*<sup>4</sup> foi a criação dos filhos, articulada à necessidade econômica, sendo tal momento um “divisor de águas” na sua vida. Com seu diploma ela buscou a docência e se considera satisfeita com o trabalho que desempenha.

Para outros professores a “vocação” esteve sempre presente, sendo que dois deles referiram que não se imaginam em outra profissão e buscam dar continuidade em sua formação, mesmo com filhos pequenos e as dificuldades que decorrem para organizar rotina da família.

---

<sup>4</sup> A autora utiliza a expressão referindo-se a momentos que representam uma passagem entre duas etapas de vida .(N. R.)

Souza defende as discussões sobre o assunto, colocando-se favorável à formação dos professores e consolidação do ofício.

As discussões sobre a abordagem (auto) biográfica e a formação, ao longo da vida, com ênfase na constituição e consolidação do movimento biográfico no Brasil, a partir das pesquisas, suas perspectivas e dimensões de formação são questões que mobilizam reflexões sobre a formação de professores, o ofício profissional e suas relações com aspectos concernentes às narrativas da história de vida e do trabalho docente. (2011, p.216)

Importante salientar que, entre os docentes pesquisados, os que manifestaram maior insatisfação ou sentimentos mais negativos foram o que não se mantiveram em formação continuada. Os que continuam em formação encontram satisfação desde as atividades mais simples de sala de aula com os alunos até as trocas com seus pares, tanto na academia, como referem ou quanto na escola, o que é percebido em suas atitudes.

O caráter dinâmico da educação, certamente se beneficia da formação continuada. O professor, saindo de seu espaço escolar tem oportunidades valiosas de crescimento pessoal/profissional. A formação continuada encontra nas narrativas de formação, especialmente quando trabalhados no coletivo, em convivência com os pares, uma forte possibilidade de (re)significação da profissão e de uma prática docente mais plena de sentido.

Quanto a esse aspecto, Josso, referindo-se às narrativas de formação, por ela trabalhadas, esclarece sobre a importância do papel das convivências. A autora assim declara:

As narrativas de formação permitem distinguir experiências coletivamente partilhadas em nossas vivências socioculturais e experiências individuais, experiências únicas e experiências em série. A experiência implica a pessoa na sua globalidade de ser psicossomático e sociocultural: isto é, ela comporta sempre as dimensões sensíveis, afetivas e conscienciais. A experiência constitui um referencial que nos ajuda a avaliar uma situação, uma atividade, um acontecimento novo. [...] Se aceitarmos, por convenção verbal, que os saberes resultam da experiência de outrem e que os saberes socialmente valorizados são elaborados segundo modalidades socioculturais concretas (por exemplo, os centros de pesquisa), e se aceitarmos, ainda por convenção, que os

nossos conhecimentos são fruto das nossas próprias experiências, então as dialéticas entre saber e conhecimento, entre interioridade e exterioridade, entre individual e coletivo estão sempre presentes na elaboração de uma experiência formadora, porque esta última implica a mediação de uma linguagem e o envolvimento de competências culturais herdadas. (JOSSO. 2004.p.49)

No decorrer da pesquisa já foi possível verificar mudanças ocorridas na escola, como decorrência do trabalho que está sendo desenvolvido. A pesquisadora está influenciando o trabalho da OE, pois elas são partes da profissional que está vivenciando a experiência na escola, com dois focos de olhar, um profissional e outro acadêmico.

Durante o desenvolvimento da pesquisa novas situações foram ocorrendo, demonstrando uma mudança de postura dos professores, ou até um envolvimento do grupo de professores na vida da escola. Para que o leitor possa dimensionar a importância de tais situações, descrevi as mesmas, denominando *Cenas de um novo tempo*, que serão apresentadas no decorrer do trabalho.

## **10. SINAIS DO NOVO TEMPO – Observações para além das narrativas**

Como parte da Coordenação Pedagógica, atuando junto à Direção, sempre me moveu o desejo de ver o grupo de professores trabalhando com satisfação, tanto para o bem dos docentes, mas, principalmente, para que a escola seja promotora de um espaço inter-relacional onde os alunos sejam acolhidos, felizes e tenham prazer de aprender. Para tanto procuro promover espaços de discussão neste sentido, o que se reforçou ao estar no Mestrado

Desenvolver a pesquisa possibilitou, em mim, uma mudança extremamente positiva no trabalho com os professores. Conhecer suas histórias de vida me mostrou a importância de abrir espaços de diálogo, de trocas entre os professores. Acredito que hoje sou uma pessoa/profissional mais aberta ao outro. Até então, olhava mais para os alunos e suas famílias. Hoje não consigo vê-los sem considerar, também, os professores. O modo como exteriorizam suas (in) satisfações e como podemos juntos, reverter ou minimizar o que motiva a insatisfação. Pouco a pouco vamos abrindo espaços para discussões que tenham

fundamentação teórica para o melhor desempenho do trabalho docente. Estamos olhando o individual, sem esquecer o coletivo, caminhando para si, como refere Josso, para a busca de si e do outro.

Relendo o que escrevi até o momento e refletindo sobre o que encontrei em mim e no grupo, me reportei ao que Josso refere sobre experiências formadoras:

Falar das próprias experiências formadoras é, pois, de certa maneira, contar a si mesmo a própria história, as suas qualidades pessoais e socioculturais, o valor que se atribui ao que é “vivido” na continuidade temporal do nosso ser psicossomático. Contudo, é também um modo de dizermos que, neste *continuum* temporal, algumas vivências têm uma intensidade particular que se impõe à nossa consciência e dela extrairemos as informações úteis às nossas transações conosco próprios e/ou com nosso ambiente humano e natural. Proponho, pois, considerar o que designamos comumente por “experiências” como vivências particulares. (2004.p.48)

As mudanças são lentas. No caso da escola estava muito difícil trabalhar, em função dos índices do Ideb, que afetavam muito a auto-estima de todos.

Mas já estão ocorrendo mudanças, frutos de nossas vivências como grupo. Recentemente, em comemoração ao Dia da Criança, os professores reescreveram a história da Branca de Neve, buscando que ela fosse uma comédia, capaz de envolver os alunos da Educação Infantil, das séries iniciais e das finais do Ensino Fundamental. A Branca de Neve era uma colega negra, o príncipe, o professor de matemática, “sério e durão”, os anões, professoras bem altas, misturadas a outras mais baixas. As roupas foram confeccionadas pelas professoras, o cenário também. A grande maioria se envolveu. Os alunos adoraram. Verbalizaram que gostaram e aplaudiram e cantaram durante a dramatização. Foi um momento muito lindo!

Outra mudança que percebo é o envolvimento maior de uma das professoras. Relato, a seguir, como cena dos novos tempos, o trabalho que ela está desenvolvendo na



escola, envolvendo alunos de diferentes turmas das séries finais. Essas séries, por sua característica do trabalho ser desenvolvido em períodos, tende a ser menor o envolvimento interpessoal entre os professores e os alunos, principalmente nas disciplinas de carga semanal menor, Inglês tem uma carga pequena, se comparada às demais, mas, dentro de um período mais curto de convívio foi possível a professora dessa disciplina está conseguindo desenvolver um trabalho excelente com seus alunos. Tudo começou de uma proposta, em decorrência da pesquisa que estava sendo desenvolvida. Assim aconteceu:

### 10.1 CENAS DE UM NOVO TEMPO: PROJETO “EU CANTO”

Durante uma das reuniões pedagógicas, novas discussões sobre os baixos índices iam acontecer.

Buscando sensibilizar os professores para o trabalho e mostrar que, quando estamos motivados para desenvolver um trabalho, por mais difícil que ele pareça, obtemos resultados positivos., utilizei, um vídeo onde portadores de necessidades especiais, dentre eles, cegos, surdos, um cadeirante, mudos, junto com outras pessoas, não portadoras de necessidades, apresentaram a música *Imagine*.

A apresentação começou com grupos se agregando um a um, e todos, sob a coordenação de um maestro, apresentam a música. Uns cantando, todos utilizando a língua dos sinais, mais um conjunto tocando violino. É um vídeo lindo!

Quando terminamos de ver o vídeo discuti com o grupo sobre a importância da música na escola, falamos da aproximação que ela promove e quanto de belo podemos criar com ela, do quanto o filme visto nos sensibilizou. Sugerir que poderíamos tentar fazer um trabalho envolvendo a música, e disse que, talvez o grupo mais desafiador para o trabalho seria a uma turma considerada “medonha” no que se refere ao trabalho docente. Conversam muito, desacatam os professores, não fazem as tarefas e tem desempenho é baixo, segundo relato dos professores.

A professora de Inglês (não de música, até por que não temos nenhum profissional na escola para tal trabalho) resolveu trabalhar com a turma sessenta e três, e escolheu iniciar com a mesma música do vídeo.

Foi um trabalho árduo logo no início, mas ela foi ensaiando com o grupo. Na comemoração da Semana da Pátria ela apresentou os alunos, cantou com eles, apresentou um grupo de solistas, que ela identificou na turma. Foi um sucesso!

Muitos dos Professores presentes choraram, tamanha foi a emoção que sentimos com a beleza do trabalho apresentado.

A professora continuou o trabalho, agregou alunos de outras turmas que pediram para participar. Os ensaios acontecem, inclusive depois do horário. Já apresentaram duas outras músicas, em novas atividades da escola. Estão preparando uma música para a Festa de Natal, que tradicionalmente ocorre na escola e que atrai toda a comunidade. Ocorre em final de tarde e praticamente todos os pais e responsáveis comparecem.

A escola está mandando confeccionar camisetas para os alunos que formam o Projeto: “Eu Canto”.

Eles aparecerão, em vídeo, no encerramento da presente Dissertação, cantando a música Novo Tempo, que foi escolhida porque simboliza as mudanças que estão ocorrendo na história de vida dos professores da escola, não só dos sujeitos da pesquisa, como também em parte dos demais professores, mas, principalmente na vida da pesquisadora/orientadora educacional que lá trabalha.

## **11. CONCLUINDO, COM GOSTINHO DE “QUERO MAIS”**

No final desta etapa de pesquisa, mas não do trabalho considero importante salientar que há muito a ser pesquisado, discutido, descoberto, reformulado. A vida é dinâmica, a educação, como parte dela, precisa estar sempre em evolução.

Um dos aspectos que gostaria de salientar é que, dentre os professores pesquisados, os que destacam a satisfação mais presente em seu fazer pedagógico, são os que buscaram ou estão buscando ampliar seus conhecimentos. Também são eles que sempre participam e colaboram com as discussões, durante as reuniões, trazem materiais escritos para partilhar

com os pares. São os mais envolvidos. Entre aqueles em que a satisfação é embotada pela insatisfação, houve apenas a formação básica para desempenhar a função e não participam de modo positivo. Suas participações têm se limitado a criticar por estar participando das atividades que não são puramente realizadas em sala de aula, não propõem e nada que não seja “quadro e giz”.

No entanto, os exemplos retro-referidos nos permitem pensar que mudanças positivas são possíveis.

Destaco, ainda, uma constatação que pude fazer. E, aqui vai uma preocupação pessoal: há um distanciamento entre prática e academia. Acredito que precisa haver uma aproximação. Quem está nas escolas, não dispõe de condições, principalmente econômicas, para aliar a teoria à prática, os que estão na academia, vivem o que tem sido pensado até o momento, ou seja, que academia é o lugar de teoria e, também, eles são sufocados pelo “muito a fazer”, para manter os financiamentos das pesquisas e os cursos em funcionamento.

Mudar a Educação implica um olhar na mesma direção, por parte de todos nela implicados.

Hoje, os professores estaduais que buscam formação, só o fazem por motivação pessoal, pois o Plano de Carreira do Magistério Estadual não contempla níveis de formação maiores que a Especialização, e, em termos financeiros, o professor paga e não tem retorno. Nos cursos de formação recebem informações desvinculadas da realidade, pois muitos dos professores da graduação não atuaram dentro de escolas, as vivências dos formandos, muitas vezes, são observações em sala de aula e não trazem muito conhecimento da realidade

O ideal é uma proximidade, tempo e espaço para discussão e crescimento mútuos. Não cabe culpa para um lado ou outro. Ambos fazem parte da “mesma moeda”, sem um, o outro não pode existir.

Pesquisar as histórias de vida e formação foi extremamente satisfatório para a pesquisadora. Solidificou a crença na importância da formação, de que nunca somos profissionais prontos, que nossa história está sempre inconclusa. Aprender sempre foi meta para mim, discutir sobre o que leio e vejo promove crescimento, permite reformular ou ratificar idéias.

Para a Orientadora/pesquisadora a satisfação foi incontestável. Pude ver mudanças ocorrendo, para melhor, num espaço educacional bastante conturbado com os resultados que vinha obtendo no IDEB. A segurança que senti com o apoio teórico, as discussões de sala de aula, apresentação de trabalhos na PUC, e, principalmente, com as assessorias de minha orientadora, a professora Maria Helena, me oportunizaram novas posturas nos trabalhos com o grupo de professores. Também pude conhecer mais os colegas, suas fragilidades, dificuldades, convicções. A pesquisa possibilitou caminhar para mim e para o outro, meu “outro”, antes, era basicamente o aluno e suas dificuldades de aprendizagem. Agora posso olhar com mais amplitude as situações geradas. Hoje somos muito mais uma equipe buscando crescimento. Há professores que ainda não se engajaram nas mudanças, mas elas estão ocorrendo e são perfeitamente percebidas.

Dentre os professores, considerando todos os docentes da escola, significativa parte deles tem buscado recurso para promover aulas mais dinâmicas. Foi criado o Grupo “Eu Canto”, já referido anteriormente, um grupo de professores dramatizou uma história, no Dia da Criança, espaços que existiam, mas não eram explorados, foram ativados, como a Contação de Histórias, semanalmente, a Brinquedoteca, os Laboratórios de Informática e de Aprendizagem. Quanto aos sujeitos da pesquisa, ainda há fortes denotadores de insatisfação, porém, mais restritos a uma professora. Dentre os outros, reforçaram-se denotadores de satisfação. Dois deles foram os que lideraram a dramatização e mobilizaram o grande grupo para a confecção do cenário e das fantasias. Uma delas foi quem escreveu a história, uma sátira de Branca de Neve e os Sete Anões. A proposta foi tornar a história diferente, promovendo o interesse desde alunos de educação infantil até a oitava série.

Ao delinear a pesquisa, eu buscava conhecer o que circulava entre os professores e causava tanta agitação no final do ano letivo, para poder penetrar mais profundamente nas

questões e ver como poderia ajudar o grupo. As reprovações estavam preocupando e os professores não estavam satisfeitos com os resultados.

Nossos resultados já estão melhorando, estamos nos tornando uma equipe, mesmo que lentamente. A satisfação está bem mais presente na escola.

## REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, M.H.M.B.; FRISON, L.M.B, Narrativas (auto) biográficas de formação e o entrelaçamento com a autorregulação da aprendizagem. In: ABRAHÃO (Org.) **(Auto) biografia e Formação Humana**. Porto Alegre; Natal: EDIPUCRS; EDUFERN, 2010.(pág.191-216)
- ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar: (+ qualidade total na educação)**. Campinas: Papirus, 2008.
- ARROYO, Miguel G.. **Imagens Quebradas: Trajetórias e tempos de alunos e mestres**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Ofício de Mestre: Imagens e auto-imagens**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BAUER, M. W. ,GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: Um manual Prático**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BATISTA, Sória Anália e CODO, Wanderley. **Crise de identidade e sofrimento**. (P. 60-85) In **Educação: carinho e trabalho**.CODO (Coord.). Petrópolis: Vozes, 2006.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa Social. In. MINAYO (Org.), **Pesquisa Social - Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011. (pág. 9-29)
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa Social. In. MINAYO (Org.), **Pesquisa Social - Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011. (pág. 9-29)  
Petrópolis: Vozes, 2006.
- CORAZZA, Sandra Mara. **Uma vida de Professora**. Ijuí, RS: UNUJUI, 2005.
- DINIZ-PEREIRA, Júlio Emílio. O ovo ou a galinha: a crise da profissão docente e a aparente falta de perspectiva para a educação brasileira. In: **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília: jan. a abril, Vol. 92, p.34-51, jan. a abril, 2011.
- FERNANDEZ, Alícia. **A Mulher escondida na professora: Uma leitura psicopedagógica do ser mulher, da corporalidade e da aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 1994.
- \_\_\_\_\_. **O Saber em Jogo: A psicopedagogia propiciando autorias de pensamento**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. SP: Editora Olho d'Água, 21ª Ed, 2009.
- \_\_\_\_\_. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. SP: Cortez, 41ª ed., 2001.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Aurélio. **O Dicionário da Língua Portuguesa**. RJ: Editora Positivo, Edição Especial, 2008.
- JOSSO, Marie-Christine. **Caminhar para si**. Porto Alegre: EDIPUCRS,2010.
- \_\_\_\_\_. **Experiências de Vida e Formação**. São Paulo: Editora Cortez, 2004.

- MASLOW, Abrahão H. **Maslow: a hierarquia das necessidades**. Cotia: Siamar, 2010. 1 dvd.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa Social. In. MINAYO (Org.), **Pesquisa Social - Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011. (pág. 9-29)
- MORAES, Roque, GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise Textual Discursiva**. Ijuí, RS: Editora Unijui, 2007.
- MOSQUERA, Juan J. M.; STOBÄUS, Claus Dieter. O professor, personalidade saudável e relações interpessoais: por uma educação da afetividade In.: ENRICONE, Délcia (Org.). **Ser Professor**. Porto Alegre: R: EDIPUCRS, 2008.( pág.67 a 78)
- MOSQUERA, Juan J. M.; STOBÄUS, Claus Dieter. Afetividade: a manifestação dos sentimentos em educação. **Revista Educação**. Porto Alegre, n 1(58), p.123-133, jan/abril.2006.
- NÓVOA, António. Histórias de vida: perspectivas metodológicas. In NÓVOA, **Vida de Professores** (Org.). Portugal: Editora Porto, 2000.( pág. 18-25)
- TARDIF, Maurice, LESSARD, Claude. **O Trabalho Docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- SAMPAIO, Dulce Moreira. **Educação e a Reconexão do Ser**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- SANTOS, Bettina Steren dos, et. al. O Processo Motivacional na Educação Universitária. In SANTOS, B. S.;CARREÑO, Ángel Boza (Orgs.). **A Motivação em Diferentes Cenários**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.(p. 21-31)
- \_\_\_\_\_, Bettina Steren dos, et al,. O Processo Motivacional de professores no Ensino Superior. In **SANTOS, Bettina Steren dos, CARREÑO, Ángel Boza (Org.)**. **A Motivação em Diferentes Cenários**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.( p.249-257)
- SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **BULLYING: Mentas Perigosas nas Escolas**. RJ: Editora Fontanar, 2010.
- SORATTO, Lúcia; OLIVIER-HECKLER, Cristiane. Trabalho: Atividade humana por excelência. In. **CODO, Vanderley,(Org.) Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.(p 89-110)
- SOUZA, Elizeu Clementino de. Territórios da Escrita do Eu: pensar a profissão-narrar a vida. **REVISTA EDUCAÇÃO**. Porto Alegre: v.34,n 2 maio/agosto.2011. (p 213-220)
- TIMM, Edgar Zanini. Refletindo Sobre a Motivação Docente: sou professor porque me faz bem.In **SANTOS, Bettina Steren dos, CARREÑO, Ángel Boza (Orgs.)**. **A Motivação em Diferentes Cenários**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

**ANEXO:**

## LETRA DA MÚSICA

**UM NOVO TEMPO**<sup>5</sup> / Ivan Lins

No novo tempo, apesar dos castigos,  
Estamos crescidos, estamos atentos, estamos mais vivos  
Pra nos socorrer, pra nos socorrer, pra nos socorrer.

No novo tempo, apesar dos perigos,  
Da força mais bruta, da noite que assusta,  
Estamos na luta,  
Pra sobreviver, pra sobreviver, pra sobreviver.

Pra que a nossa esperança,  
Seja mais que a vingança,  
Seja sempre o caminho que se deixa de herança.

No novo tempo, apesar dos castigos,  
De toda a fadiga, de toda injustiça, estamos na briga,  
Pra nos socorrer, pra nos socorrer, pra nos socorrer.

No novo tempo, apesar dos perigos,  
De todos os pecados, de todos os enganos, estamos marcados,  
Pra sobreviver, pra sobreviver, pra sobreviver.

No novo tempo, apesar dos castigos,  
Estamos em cena, estamos nas ruas, quebrando as algemas,  
Pra nos socorrer, pra nos socorrer.

No novo tempo, apesar dos perigos,  
A gente se encontra,  
Cantando na praça, fazendo pirraça.

---

<sup>5</sup> [HTTP://www.myspace.com/ivanlinsoficial](http://www.myspace.com/ivanlinsoficial) acesso em 17/09/2011



## APÊNDICES

### A. ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA ENTREVISTA

1. Como te sentes no que se refere a tua vida profissional?
2. Como tu te sentes ao iniciar um novo dia no teu trabalho? E no final do dia?
3. Como classificas o teu relacionamento:
  - Com a escola?
  - Com os colegas de turno?
  - Com pais ou responsáveis por teus alunos?
  - Com teus alunos?
4. Qual o tipo de atividade que te proporciona mais satisfação Por quê?  
E menos? Por quê?
5. Tens uma série com a qual preferes trabalhar?
6. Traça um paralelo entre as tuas expectativas, durante a tua formação profissional e a tua vida atual.
7. O que tu pensas a respeito à (in) satisfação dos profissionais da educação?  
(Evidências)
8. Como definirias o relacionamento dos professores
  - Com a escola?
  - Com a Coordenadoria de Ensino?
  - Com a Secretaria de Educação?
9. Acreditas que há necessidade de mudança dentro da prática pedagógica? Quais?
10. Como profissional, tu te classificas como um professor
  - Satisfeita(o)? Por quê?
  - Insatisfeita(o)? Por quê?

## B-TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu,.....,  
concordo em participar da pesquisa sobre a (in) satisfação docente que  
está sendo desenvolvida pela mestranda Cléia Rení Fortes Jagmin, sob a  
orientação da Profª Drª. Maria Helena Menna Barreto Abrahão, da  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Estou ciente de que minha pessoa será identificada e a minha colaboração  
é voluntária. Declaro ainda ter sido informado (a) sobre a temática,  
referencial teórico e método de pesquisa, assim como me foram  
prestados todos os esclarecimentos necessários.

Porto Alegre, ...../...../.....

Nome da pesquisadora: .....

Assinatura da pesquisadora:.....

Autorizo que utilize meu nome na pesquisa:

.....

## C- TERMOS DE CONSENTIMENTO

Eu,....., professora da Escola, coordenarei um grupo de alunos que irão cantar a música Novo Tempo, faremos uma gravação vídeo que será divulgado na atividade de encerramento da Dissertação de Mestrado da professora Cléia, na PUCRS. A dissertação tem como título “História de Formação e Atuação Docente: um estudo sobre Dimensões da (In) Satisfação Docente junto a um Grupo de Professores, em uma Escola de Ensino Fundamental de Porto Alegre.

Estou ciente que a pesquisa de Dissertação é orientada pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Helena Menna Barreto Abrahão, da PUCRS.

Sei, ainda, que a dissertação poderá ser utilizada em novos momentos de estudo, tanto na PUC como em outros locais e o vídeo poderá ser divulgado, no encerramento. Os alunos participantes têm autorização escrita dos pais.

Porto Alegre, ....., ..... de 2011.

Nome da autora da Dissertação: Cléia Rení Fortes Jagmin

Assinatura:.....

Audrey Brusamarello

.....

## D-TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu,..... , Diretora da Escola Estadual de Ensino Fundamental Dom Pedro I, autorizo que a orientadora Cléia que realize sua pesquisa de Dissertação de Mestrado, entrevistando e observando professores da Escola. A dissertação tem como título “História de Formação e Atuação Docente: um estudo sobre Dimensões da (In) Satisfação Docente junto a um Grupo de Professores, em uma Escola de Ensino Fundamental de Porto Alegre.

Os professores participantes estão cientes da pesquisa e participam como voluntários

Estou ciente que a pesquisa de Dissertação é orientada pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Helena Menna Barreto Abrahão, da PUCRS.

Porto Alegre, ....., ..... de 2010.

Nome da autora da Dissertação: Cléia Rení Fortes Jagmin

Assinatura:.....

.....

Diretora

## E-TERMO DE CONSENTIMENTO DO USO DE IMAGEM

Eu,.....  
 concordo com o uso de minha imagem, em uma fotografia, onde apareço de fantasia, junto com outros professores da escola, por ocasião do Dia da Criança, onde dramatizamos a história Branca de Neve e os Sete Anões.

Estou ciente que minha participação é voluntária e que a foto fará parte dos anexos da pesquisa “História de Formação e Atuação Docente: um estudo sobre dimensões da (in) satisfação junto a um grupo de professores, em uma escola de Ensino Fundamental de Porto Alegre”, que está sendo desenvolvida pela mestranda Cléia Rení Fortes Jagmin, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Helena Menna Barreto Abrahão, da PUCRS.

Declaro que me foram prestados esclarecimentos sobre a pesquisa.

Porto Alegre ,....., ..... de 2011.

Nome da Pesquisadora: Cléia Rení Fortes Jagmin.

Assinatura:.....

Assinatura do (a) autorizante.....

## F-TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu,.....  
 responsável por....., da turma  
 ....., permito que o(a) referido (a) aluno (a) participe da gravação de  
 um vídeo, na Escola, cantando, com colegas, sob a coordenação da professora  
 Audrey, a música Novo Tempo, e que o vídeo seja divulgado na atividade de  
 encerramento da Dissertação de Mestrado da professora Cléia, na PUCRS. A  
 dissertação tem como título “História de Formação e Atuação Docente: um  
 estudo sobre Dimensões da (In) Satisfação Docente junto a um Grupo de  
 Professores, em uma Escola de Ensino Fundamental de Porto Alegre.

Estou ciente que a pesquisa de Dissertação é orientada pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>.  
 Maria Helena Menna Barreto Abrahão, da PUCRS.

Sei, ainda, que a dissertação poderá ser utilizada em novos momentos  
 de estudo, tanto na PUC como em outros locais e o vídeo poderá ser  
 divulgado, como encerramento.

Porto Alegre, ....., ..... de 2011.

Nome da autora da Dissertação: Cléia Rení Fortes Jagmin

Assinatura:.....

Assinatura do (a) Responsável pelo (a) aluno(a):

.....

G-FOTOS

FOTO 1



**Professores da Escola, prontos para dramatizar “Branca de Neve e os Sete Anões”**

Batida por mim em 07/10/2011

FOTO 2

**ALUNOS DO PROJETO “EU CANTO” .**



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação ( CIP )**

J24h

Jagmin, Cléia Rení Fortes

História de formação e atuação docente : um estudo sobre dimensões da (in) satisfação junto a um grupo de professores, em uma escola de ensino fundamental de Porto Alegre / Cléia Rení Fortes Jagmin. – Porto Alegre, 2011.

**80 f. : il.**

**Diss. (Mestrado em Educação) - PUCRS, Fac. de Educação.**

**Orientação: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Helena Menna Barreto Abrahão.**

1. Educação. 2. Professores – Formação Profissional. 3. Professores – Atuação Profissional. 4. Satisfação Profissional. I. Título. II. Abrahão, Maria Helena Menna Barreto.

**CDD 370.71**

**Ficha Catalográfica elaborada por**

**Vanessa Pinent**

**CRB 10/1297**